ELEMENTOS

DE

PHILOSOPHIA.

ELEMENTOS
DE
PHILOSOPHIA,
COMPENDIO

APROPRIADO Á NOVA FORMA DE EXAMES DA ESCOLA DE MEDICINA DO RIO DE JANEIRO,

POR

M. M. de Moraes e Valle,

Doutor em Medicina pela mesma Escola, Cavalleiro da Ordem de Christo, Socio effectivo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, etc.

RIO DE JANEIRO

TYP. DO DIARIO DE N. L. VIANNA.

1851

THEODICÉA.

PONTO LXII.

Argumentos physicos da existencia de Deos.

A theodicéa, ou theologia racional, é *a sciencia de Deos.* Tem por fim mostrar que existe um Ente summamente perfeito, e marcar quaes os seos attributos e quaes as suas relações com o mundo.

A existencia de Deos é comprovada por argumentos tirados da ordem physica, da ordem metaphysica, e da ordem moral.

Argumentos physicos são aquelles que são tirados da existencia da materia e das leis, que a regem.

1.º — Se a materia não receber a existencia de si, ou do acaso, ou não existir necessariamente, é forçoso admittir a existencia de um ente seo creador. Em pri-

meiro lugar a materia não pôde receber a existencia de si mesmo; porque para isso necessitaria *existir e não existir ao mesmo tempo*, o que implica absurdo. Em segundo lugar a materia não foi produzida pelo acaso, porque, o acaso nada sendo, nada pode produzir, *ex nihilo nihil fit*. Nem se pode aqui admittir o acaso como uma reunião de circunstancias fortuitas, que produzão effeitos segundo leis imprevistas, porque, nada existindo, não podem haver circunstancias. Em terceiro lugar ella não pode existir necessariamente, porque não implica contradicção a não existencia da materia. Immutavel é o ente necessario, mas a materia é mudavel, porquanto ella tem attributos, que pode deixar de ter. Logo se a materia tem attributos contingentes, não pode existir necessariamente. Logo é preciso admittir um creador da materia. Este creador é Deos.

2.° — O movimento da materia prova a existencia de Deos. O movimento não é essencial á materia. Se fosse, ella nunca estaria em repouso. Mas ao mesmo tempo é um principio de mechanica que os corpos podem estar em repouso, nós o concebemos assim, e, por isso que o concebemos sem contradicção, é possivel. Ora de duas uma, ou o movimento vem de uma for-

ça material e então lhe é essencial, ou então é preciso suppôr a existencia de um motor. Que não lhe é essencial é claro porque pode estar em repouso, logo lhe é communicado. Ora eu reconheço o *eu*, principio de vontade, e de intelligencia, como a causa dos meos movimentos, porque produzo os do meo corpo, e posso communical-os aos outros corpos. O movimento não provindo da materia, é preciso suppor a existencia de uma vontade superior e intelligente, que presida ao movimento do universo. Newton, para poder explicar o systema planetario, teve necessidade de suppor a existencia de uma força inicial, que, não podendo encontrar nas leis de materia, teve de buscar a sua razão na existencia de Deos, que por sua vontade imprimio á materia essa força inicial necessaria para o jogo de todas as outras forças, que obrão sobre os planetas.

3.° — A ordem da natureza é admiravel. Revolvem-se os tempos sempre trazendo comsigo as estações, o dia e a noite. Esta disposição não é indifferente. Nós veriamos, se qualquer das estações fosse eterna, os males que resultarião para o homem dessa invariabilidade do tempo. Pelo que acontece todas as vezes que

uma estação se prolonga , imaginemos o que succede-
ria se perdurasse sempre. Se estivessemos mergulhados
em uma noite incessante, ou se continuamente o sol
alumiasse e aquecesse todos os pontos da terra, facil-
mente se concebe os funestos resultados que provirião para
o genero humano. Supponde qualquer desvio nos phenome-
nos da natureza e não será possivel avaliar as mudanças,
que se operarião. Felizmente tudo está bem coordena-
do no mundo ; tão regulado que a maxima parte das
revoluções planetarias se achão desde ha muito calcu-
ladas. Cada ser vivo da natureza tem uma organisação
adequada aos seos fins. Não é a mesma a dos passa-
ros, ou a dos peixes ; a do homem , ou a do amphi-
bio ; tudo revela uma ordem tão maravilhosa, que nun-
ca nos cançariamos em admirar , porque cada mo-
mento de contemplação nos revelaria mais outro pro-
digio. Esta ordem revela pois um ente, intelligente so-
bremaneira. Este ente é Deos.

PONTO LXIII.

Argumentos metaphysicos da existencia de Deos.

Argumentos metaphysicos são aquelles tirados da natureza das cousas. O primeiro é tirado da necessidade de admittir a existencia do ente necessario, dada a existencia dos entes contingentes ; o segundo da idea de ente perfeito.

1.° — O ente necessario existe eternamente e é infinitamente perfeito. Ora existe um tal ente. A este ente é que chamo Deos.

A existencia de seres contingentes, que tiverão um principio e terão um fim, é a todo o momento comprovada pela experiencia. E' pois concebivel um tempo em que nenhum existio; porque ainda não tinhão tido um principio. Não existindo ente, como determinar a sua existencia ? O acaso ? Não, porque nada produz. Elles proprios se derão a existencia ? Não, porque precisavão

de existir para darem existencia, e não existirem para a receberem, o que é absurdo. De um outro ente da mesma natureza? Este ente precisava elle mesmo de existir para communicar a existencia a outros. De sorte que para explicar a existencia do ente contingente é preciso admittir a do ente necessario, isto é, do ente que, sempre existindo, pode ser a causa de todas as outras existencias. Logo existe um ente necessario, eterno. Provemos agora que a sua perfeição é infinita.

O ente necessario resume em si as perfeições sem limites. Supponha-se que são limitadas, sel-o-hão por si, ou por algum outro ente. Está ultima hypothese é inadmissivel, porque a necessidade de sua existencia estabelece a sua independencia. Resta examinar se serião limitadas por si. Não são, porque o serião por vontade, ou por natureza. Por vontade não; porque ninguem se despoja da perfeição. Por natureza tãobem não. Para isso seria preciso que repugnasse ao ente necessario ser o complexo de todas as perfeiçoes. Ora as perfeições não são incompativeis entre si, nem com a necessidade de natureza. Pelo contrario lhe são inherentes. Sendo as perfeições infinitas possiveis, não ha senão o ente necessario e eterno que as possua, tanto

mais quanto as perfeições podem ser deduzidas umas das outras. Logo o ente necessario não é limitado nas perfeições por modo algum, logo ellas são illimitadas, infinitas. Existe pois um ente necessario, eterno e summamente perfeito. E pois existe Deos.

2.º — Sou um ente imperfeito rodeado de cousas imperfeitas; entretanto do seio desta imperfeição, elevo-me pelo irresistivel vôo do meo espirito e do meo coração á idea de uma perfeição soberana, que possue em sua plenitude e une em si a intelligencia, o poder, a sabedoria, attributos todos de que não apercebo senão uma só sombra em mim e á roda de mim. Donde me vem essa idea sublime? De mim, imperfeito e miseravel, não pode provir: não posso igualmente achar o modelo della neste universo imperfeito: só resta que esta idea me venha do ser perfeito, que a poz em mim para ser como o signal do artista sobre a sua obra. Esta prova é de Descartes, que ainda assim se exprime.

« Se minhas ideas são tomadas simplesmente como formas de pensar, não lhes reconheço differença ou desigualdade, e todas me parecem proceder de mim do mesmo modo; mas considerando-os como imagens,

que me representão as cousas, evidentemente differem entre si. Com effeito aquellas que me representão substancias são alguma cousa mais, e por assim dizer contem mais realidade objectiva, isto é, participão pela representação mais gráos de ser, ou de perfeição do que as que só me representão modos ou accidentes. Demais aquella pela qual concebo um Deos soberano, eterno, infinito, immutavel, omnisciente, omnipotente e universal creador de todas as cousas que lhe são externas, esta digo, tem de certo mais realidade objectiva do que aquellas pelas quaes me são representadas as substancias finitas. »

PONTO LXIV.

Argumentos moraes da existencia de Deos.

Argumentos moraes são aquelles que tem o fundamento no conhecimento das leis que regem o homem. Está plenamente demonstrado pela historia, tanto sagrada como profana, que todos os povos tanto antigos como modernos, tanto civilisados como barbaros, tanto do antigo como do novo mundo, tem acreditado na existencia de um ente superior, na existencia de Deos. Esta noção se acha gravada em todos, tanto ignorantes como sabios. Platão, Cicero, Plutarco, Leibnitz, Descartes, a professárão. Cicero assim se exprime — *Ex tot generibus nullum est animal, præter hominem, quod habeat notitiam Dei ; ipisque in hominibus nulla gens est neque tàm immansueta, neque tàm fera, quæ non, etiam si ignoret qualem habere Deum deceat, tamen habendum sciat.*

Plutarco assim escreveo :

Perigrinantibus multas contingit occurrere urbes sine muris , sine legibus , sine studiis litterarum ; nusquam autem stat urbs aut oppidum quibus nullus sit Deus.

Ora o consentimento unanime de todos os povos deve ser considerado como uma prova. *Omni in re consensio omnium gentium lex naturæ putanda est.* Porquanto as opiniões falsas ou mais cedo ou mais tarde são destruidas. Portanto existe Deos.

Objecção. — A crença universal dos homens em Deos nada prova, porque ella poderia bem ser uma invenção politica dos legisladores, ou produzida pelo temor e por um reconhecimento estupido.

Se Deos é uma invenção, quem foi o author dessa invenção ? E' crivel que ninguem transmittisse seo nome á posteridade, quando outros por muito menores cousas tem sido mencionados ? Os mais antigos legisladores estalecerão regras sobre o culto, o que mostra que já antes se tinha a crença em Deos e qne conformes a esta crença é que elles legislárão. Demais a invenção de Deos não poderia ser considerada como uma bôa manobra politica. Como crêr que homens possuidores da authoridade suprema, interessados em conser-

val-a, não tendo motivo algum de reprimir as suas paixões, porque não erão refrêados pela idea de uma vida futura , se lembrassem de propagar a crença em um Deos, poderoso , justo, que premiará as bôas acções e castigará as más ? Seria uma rematada loucura , seria offerecer os ferros para o proprio sacrificio. Que ! eu não creio em Deos, sou o senhor de um povo, e hei de inventar Deos, para que me tomem contas a mim que sou senhor !

E' impossivel pois que os antigos legisladores tratando das cousas divinas usassem de politica. Não fizerão mais que ceder aos gritos de sua consciencia, que lhes clamava — DEOS EXISTE.

A doutrina da existencia de Deos é por demais incommoda : como suppor a sua universalidade, se não é verdadeira. E' preciso desconhecer que o interesse, que acha meios de destruir o que é verdade, não possa rebater o erro. O homem não acredita em Deos porque bôa é a religião ; mas porque lhe é impossivel negar-se a esta crença tão natural.

Não é verdade o que diz Stacio :

Primus in orbe deos fecit timor, etc.

porque antes de attribuir a Deos as cousas, que nos cau-

sem terror, é preciso já ter idea de Deos, e que ella possa nos aterrar. Argumentamos igualmente a respeito do reconhecimento. E' absurdo pretender que se é reconhecido a alguem, cuja existencia não é acreditada. O deificarem os Egypcios as cousas uteis prova que elles tinhão uma noção de Deos antecedente ás deificações. Portanto a idea de Deos é natural, e desconhecem o justo e o injusto aquelles que o negão.

PONTO LXV.

Consequencias do atheismo.

A primeira e mais funesta consequencia do atheismo é a adopção da moral do interesse.

O atheo não crê em Deos: só crê na sociedade. Mas a sociedade não pode com seos meios imperfeitos, com suas leis insufficientes, com sua legislação arbitraria (ella o é, se não ha Deos) impedir todos os crimes. O atheo todas as vezes, que tiver de commetter uma acção donde lhe resultar interesse, a praticará embóra contraria ás leis da sociedade, uma vez que se convença da impunidade. A impunidade infelizmente é uma lepra que corroe mesmo as nações as mais civilisadas. Quantas calumnias não se levantão todos os dias no mundo! Se nos fosse dado o conhecimento universal, veriamos que talvez de milhares trez ou quatro são reprimidas. E entretanto uma calumnia ás vezes assassina a honra, que para o homem de sentimentos tem mais valor que a

vida. Nenhuma acção por mais vil, por mais criminosa, por mais horrivel que seja, recuará o atheo de praticar, se d'ahi lhe resultar interesse e elle calcular que não lhe resultará mal, ou se resultar seja incomparavelmente menor. Elle não poderá conceber como o mundo existe, como o movimento não tem motor, como seja material a alma, como as acções não sejão em si bôas ou más; mas que lhe importa? Elle não deixará de ir o seo caminho. Sabe que todos crêem em Deos, que sem elle de nada se pode dar a razão. Vê a materia limitada e a julga infinita, &c. Que lhe importa? Tem mais que fazer do que prestar attenção a estas cousas.

Nunca se imaginará os excessos a que pode ser levado um atheo, um homem para quem a idea de Deos não tem pezo.

Nós vemos todos os dias na sociedade se praticarem delictos, crimes; vemos a justiça fulminar os seos raios. Ora se isto acontece no meio de uma população que em geral crê em Deos, representai o tristissimo quadro de um povo todo de atheos. Cada um trabalharia para illudir os outros. A astucia seria a primeira das virtudes e a appropriação dos bens alheios seria a cou-

sa mais natural. Porque é que o communismo desconhece a propriedade? porque para elle Deos é uma ficção.

« Ah! sem a idea de Deos, exclama Necker, sem esta relação com um Ente supremo, author de toda a natureza, restaria só escutar os vis conselhos de uma prudencia pessoal, não haveria mais que lisonjear e adular os senhores das nações e todos os que em um estado monarchico são os numerosos representantes da authoridade do principe: sim, os espiritos, os sentimentos devem curvar-se ante entes destribuidores de tantos bens e de tantos males, se nada houver alem dos interesses terrestres: e quando tudo estiver prostrado, inclinado, quando não mais houver dignidade nos caracteres, os homens tornar-se-hão incapazes de acção alguma grande, e improprios a qualquer belleza moral.»

« O atheo, diz Voltaire, é astucioso, ingrato, calumniador, salteador, sanguinario; raciocina e pratica com consequencia, se está certo da impunidade da parte dos homens; porque, se não ha Deos, *este monstro é seo proprio Deos; a si imola tudo o que deseja, ou tudo que lhe faz obstaculo; as mais ternas supplicas, os melhores raciocinios tanto poder tem sobre elle como sobre um lobo esfaimado.* »

PONTO LXVI.

Attributos methaphysicos: unidade de Deos.

Como é que nós, fracos e limitados, ousaremos encarar a Deos para estudar sua natureza e deduzirmos seos attributos? Como é que nós poderemos comprehender suas illimitadas perfeições? Empregando a razão, que d'entre as ideas, que temos sobre as cousas, nos fará discriminar o perfeito do imperfeito, o infinito do finito. E como nós somos uma creatura altamente collocada no universo, pois assim nos attesta a nossa consciencia, será em nós que a razão achará as ideas, donde se elevará ás das perfeições diversas. E' pois nas obras sahidas das mãos de Deos, o sobretudo no homem, que se encontrará os elementos da perfeição pela exclusão de tudo o que fôr limitado, ou negativo e pela admissão do real e do positivo. Com effeito não podemos conceber o Ser dos seres com pro-

priedades limitadas e negativas, e privado da realidade e do positivo.

Dividiremos os attributos de Deos em metaphysicos e moraes. Os primeiros são aquelles determinados pela exclusão de tudo o que é incompativel com uma natureza perfeita; os segundos são os que se fundão no conhecimento das obras de Deos, e na idea de sua soberana perfeição.

Attributos metaphysicos. — Os principaes são a unidade, a simplicidade, a immutabilidade, a eternidade e a immensidade, que se determinão pela exclusão do multiplo, do composto, do mudavel, do transitorio e do finito.

Unidade. — Como Deos é o ente necessario, e ente infinitamente perfeito, não podem haver dois seres infinitamente perfeitos; porque se elles fossem exactamente identicos confundir-se-hião; nunca se poderia provar a existencia senão de um. Se fossem diversos em alguma cousa, não seria Deos senão aquelle que não admittisse alteração na sua essencia. Demais entre seres infinitamente perfeitos não se poderia dar differença, nem no numero das perfeições, nem no gráo. Logo é falso que hajão dois seres perfeitos igualmente, que hajão dois deoses.

Se nós considerarmos que successivamente podemos demonstrar a existencia do creador, do ente necessario, da causa primaria, de uma existencia soberana, &c. por diversas formas, ainda que seja sempre a razão o principio activo da demonstração, nos convenceremos que chegamos á existencia de um só Deos, que reune os attributos ha pouco mencionados, e não á de muitos, cada um dos quaes tivesse um desses attributos.

A crença do paganismo se resolve na unidade de Deos. Os escriptores desse tempo assim nol-o affirmão. Macrobio tentou provar que todos se reduzem ao sol. Sanchoniaton, o mais antigo author profano, nos assegura que o *Rei dos deoses chamava-se Atod*, nome grego que significa *Unico*. Portanto os homens esclarecidos dos tempos passados bem longe de prestarem fé ao polytheismo acreditavão na unidade divina.

Os Manicheos não podendo comprehender a existencia do mal, sob o imperio de um só Deos, todo bondade, admittião dois principios eternos e independentes, dos quaes um bom era principio de todos os bens, e o outro máo era o de todos os males.

Concedamos por em quanto a existencia desses principios. Serão ou não serão igualmente poderosos. Se

são igualmente poderosos, porque razão os bens e os males são desigualmente destribuidos e de envolta uns com os outros? Mesmo o numero dos males é maior que o dos bens. Se não são igualmente poderosos, é inexplicavel, que desde que o homem se conhece, havendo sempre no mundo o mesmo espectaculo de bens e de males, o mais forte não tenha vencido o outro e não haja ou uma plenitude de bens, ou uma de males. Não se explique isto por uma transação entre elles, porque entes eternos e independentes não transigem.

Portanto a unidade de Deos é certa.

PONTO LXVII.

Simplicidade, immutabilidade, eternidade e immensidade de Deos.

Simplicidade. Se Deos não fosse simples, seria composto de partes. Estas partes deverião preceder a sua reunião; prexistirião a Deos, que, sendo necessario, não admitte preexistencia alguma. Logo Deos é simples.

De mais essas partes possuirião todas os attributos da Divindade, ou não. No primeiro caso era admittir uma multiplicidade de seres necessarios, o que é contrario á unidade. No segundo caso não é concebivel que partes finitas, pereciveis, possão constituir um ente infinito, imperecivel.

Ora, diz um philosopho, Deos é um ente simples, nada pode adquirir de novo, que lhe seja superior ou igual, porque nada ha superior ou igual a Deos; que lhe seja inferior, porque seria repugnante. Logo Deos é simples.

Disto se conclue a impossibilidade de considerar o universo como Deos.

Immutabilidade. — Sendo Deos por essencia o ente perfeito, não pode ser sujeito a mudança. Que o ente perfeito não é susceptivel de mudar é claro, porque mudar quer dizer perder ou ganhar; ora elle não pode ganhar perfeição alguma porque já tem todas; não as pode perder sem deixar de ser o que é, sem deixar de ser perfeito. Logo não pode mudar; logo é absolutamente immutavel.

Porem se Deos é immutavel, como é que elle é uma intelligencia, um ente creador, conservador? Como conciliar estes dois atttributos? Ninguem poderá desconhecer a bondade das razões, que fazem concluir que Deos, immutavel, é intelligente, e, dado que assim seja, não devemos concluir contra um ou outro d'estes attributos, por não comprehendermos como se concilião. Ignoramos como se acha unida ao corpo a nossa alma, entretanto não podemos duvidar da existencia dessa união.

Eternidade. - A immutabilidade nos serve a deduzir a eternidade. E' uma idea falsa dizer quo Deos dura, porque só dura o que é mudavel. Com effeito como

conhecemos que nós duramos? Pelas mudanças em nós produzidas por occasiao de passarmos de uma idea para outra. A idea de duração pois não é applicavel a Deos. Em quanto passa o tempo, elle permanece sempre o mesmo, sempre perfeito. A vida em Deos é sempre identica, e não é comparavel com a serie de alternativas porque passa a do homem.

No mundo limitado e contingente, todas as cousas são susceptiveis de serem calculadas, de serem medidas, porque compara-se o finito com o finito. Mas em Deos nunca o finito poderá servir de medida ao infinito, sob pena de não differirem entre si. A creação sempre esteve no espirito de Deos, para o homem é que ella foi successiva. Deos immutavel sempre teve presente em si todos os seos actos, e pois a creação não foi para elle successiva.

Immensidade. — Dizer que Deos está em toda a parte, é o mesmo que dizer que elle não é immenso. Com effeito tudo, o que occupa um lugar, pode ser limitado, e portanto não é immenso. Quando estabelecemos a immensidade de Deos, dizemos que está acima de todo o espaço. Ora Deos é evidentemente immenso, porque como ente infinito não é limitado em

sentido algum. Demais não sendo a virtude de Deos distincta de sua substancia, e exercendo-se sobre tudo, segue-se que está presente em todo o espaço illimitado. *Si autem Dei virtus ubiquè est, quùm alia non sit Dei virtus quàm Deus, constat quod nusquàm Deus deest.* Quando dizemos está presente em toda a parte, não queremos limitar a essencia divina, pelo modo que um lugar limita o corpo. Um espirito não occupa lugar, e se nós consideramos Deos em toda a parte, é porque o seo poder se estende sobretudo, é porque concebemos que lhe é possivel mesmo no vacuo absoluto fazer sentir a força de sua vontade e ahi crear seres, se assim lhe aprouver.

PONTO LXVIII.

Attributos moraes de Deos: omnipotencia e liberdade.

Estudando a admiravel ordem universal, considerando a grandeza do mundo creado, percebendo a bondade e sabedoria, que presidirão á confecção da portentosa maquina do universo, conhecendo a intelligencia e liberdade da mais perfeita das creaturas mundanas, o homem, chegamos a noções, que, despidas de limitação, consideradas sem limites, nos elevão de uma maneira rigorosa a estabelecer a omnipotencia, a intelligencia, a liberdade, a sabedoria, a justiça e a bondade de Deos.

Omnipotencia e liberdade. — Deos creou o mundo; elle não poderia crear o mundo, se não fosse poderoso, e como seos attributos são infinitos, o seo poder tãobem o será. Ora a creação do mundo reconhe-

ce por causa a vontade de Deos. Não seria crear o mundo coordeñar a sua materia já existente, como pretendêrão os dualistas. Alem disto esta explicação é contraria á unidade absoluta de Deos. O mundo não pode proceder da substancia divina; pois seria cahir no pantheismo.

Rousseau disse « Todo o movimento, que não é produzido por outro, só pode vir de um acto espontaneo, voluntario; só os corpos animados obrão pelo movimento, e não ha verdadeira acção sem vontade. »

A materia creada por Deos move-se; logo Deos tem vontade; logo Deos é livre. Porem a liberdade divina não é como a do homem, que precisa deliberar; como á do homem, que pratica ás vezes o mal. A liberdade divina se applica sempre aos bens e não deliberá porque tudo lhe é conhecido.

« A liberdade, diz o padre Barbe, não é bem concebida em Deos, a não se lhe distinguir duas especies de actos; a saber os internos e os externos. Chamão-se internos os que tem á Deos mesmo por objecto, como seja conhecer e amar-se; e actos externos aquelles que se referem ás creaturas, como o governo do universo. Todo o mundo reconhece que não ha liber-

dade em Deos quanto aos actos internos; porque tem por unico termo a natureza do ente *necessario*, e por conseguinte a liberdade divina não pode existir senão a respeito dos actos externos. Esta liberdade divina se prova da maneira seguinte: ou Deos creou livremente o universo, ou foi necessariamente levado a creal-o; ora Deos não foi necessariamente determinado a crear o mundo, porque basta-se perfeitamente a si mesmo. »

Não ha razão alguma, que tenha valor, que nos leve a negar a liberdade em Deos. Este attributo não sendo verdadeiro, a omnipotencia divina seria de algum modo inferior ao poder do homem. Com effeito o homem exerce o seo poder sobre as cousas, que o cercão, e exerce-o porque quer e com consciencia de que poderia por sua unica vontade deixar de exercel-o. Ora seria um absurdo inaudito conceber a causa primaria dando o que não tem, e sendo menos perfeita que seos effeitos.

Pretendem alguns pantheistas que Deos é para o mundo, o que é a alma para o corpo. Hypothese absurda, que destroe a immutabilidade do ser unico, porque a suppõe modificavel pelos phenomenos cosmologicos, como a alma o é pelos do corpo. Que os seres

creados dependão no seo modo de ser uns dos outros é concebivel e de experiencia; mas que o mudavel seja capaz de mudar o immutavel é o que a razão não concebe. Demais n'esta hypothese a materia será, ou não, coeterna a Deos. Se é coeterna, é estabelecer dois infinitos iguaes, o que é absurdo; se não é coeterna, já mostrámos acima que só pode ser determinada pela vontade de Deos; e n'este caso Deos, alma do mundo, já antecedentemente perfeitissimo, possuiria a liberdade de si proprio, sem que proviesse de suas relações com o mundo.

PONTO LXIX.

Intelligencia divina.

Intelligencia. Sendo Deos a plenitude do ser, todos os modos de infinitamente ser lhe convem; ora eu penso, eu sou um ente intelligente; logo a intelligencia infinita é attributo divino, porquanto é um modo de ser.

Deos tem conhecimento de tudo, começando por sua propria essencia; se elle a desconhecesse, nada poderia conhecer porque de nada teria consciencia, não seria intelligente. Ora, sendo a intelligencia uma perfeição, Deos a possue e portanto se conhece a si proprio.

Diz o Sr. Emilio Saisset na sua Theodicéa:

« Facil é ver immediatamente que a idea de uma intelligencia, que se conhece toda perfeitamente, é mais

perfeita que a idea de uma intelligencia que não se conhecesse, ou que se conhecesse imperfeitamente. Logo deve esta idea sempre ser revestida da maior perfeição para ajuizar de Deos. Logo é manifesto que se conhece a si, que se conhece perfeitamente, isto é, vendo-se, iguala por sua intelligencia sua intelligibilidade; em uma palavra comprehende-se. »

Ora entre conceber e comprehender ha bastante differença. Se tenho uma idea de um objecto sufficientemente clara para não confundil-o, eu o concebo: se conheço todas as suas maneiras de ser, eu comprehendo.

A intelligencia de Deos não se exerce successivamente; porque então seria mutavel, e não seria unico. A intelligencia divina é sempre a mesma, é unica, e por ser divina é infinita. A simplicidade, a unidade e a infinidade são oppostas á limitação e divisibilidade proprias do tempo. Portanto sendo simples, unico e infinito, a intelligencia não pode ser successiva; porque a idea de successão é só applicavel ao tempo.

A sua intelligencia não é susceptivel de progresso: tudo conhecendo, não pode progredir. A perfeição já lhe é essencial, como pois progredir? O proprio da divin-

dade, diz S. Cyrillo, é nada ignorar. Santo Agostinho se exprime por este modo no undecimo livro da *Cidade de Deos*.

« Deos nada fez sem conhecimento, o que com razão não se poderá dizer do menor artista. Se tudo fez com conhecimento, é certo que conheceo tudo o que fez : donde se deve concluir uma cousa maravilhosa, mas veridica, que, se o mundo não existisse, não o conheceriamos, quando ao contrario não poderia existir, se Deos não o conhecesse.

Como é que Deos conhece o que está fóra delle ?

Como Deos seja a intelligencia soberana e absoluta das cousas, é evidente que seo conhecimento é proprio á sua natureza, e que do objecto nada pode receber. Deos pois conhece o mundo ; mas não é o mundo que lhe dá idea, elle por si mesmo a possue, como fructo de toda a verdade. Não é porem logico concluir que Deos vendo as cousas, por isso ellas existão. Pelo contrario sendo ellas reaes, positivas, por isso Deos dellas tem conhecimento.

E' a razão porque a intelligencia divina não destroe a liberdade humana. Sim, é verdade, que nossas acções serão taes como Deos as previo (como se diz na

phrase vulgar) ; mas não é a previsão a sua razão ; a previsão é um corollario da sua realisação. A razão da existencia das cousas não está na idea que dellas se faz ; mas sim a razão da idea na existencia das cousas. A sciencia divina portanto não repugna á liberdade humana : estas duas cousas não se excluem. A razão das cousas creadas está na vontade e poder de Deos ; a das acções humanas está na vontade intelligente do homem, que por isso se torna o seo unico responsavel.

PONTO LXX.

Sabedoria, justiça e bondade de Deos.

Se Deos é intelligente, é sabio, justo e bom. O homem, cuja intelligencia é limitada, sabe dispor por meio della os objectos, que o cercão, comprehende o que é justo e o que é bom. Ordem, justiça e bondade, são ideas que lhe são naturaes, que tem independente de sua educação e de sua vontade. Elle as concebe como os mais brilhantes signaes da perfeição a que pode chegar.

Ora se a ordem, a justiça e a bondade, revelão perfeição no homem e dimanão de sua intelligencia, illimitadas serão as perfeições divinas, que se identificão no nosso espirito com a idea da summa intelligencia. A sabedoria, a justiça e a bondade são de excellencia indisputavel para a comprehensão humana; e portanto se podem e devem attribuir a Deos como a expressão do positivo.

Deos ama suas creaturas, porque é bom, amando-as elle não se degrada. O que ha melhor que o amor? O amor de Deos não se deve julgar pelo do homem; porque Deos, amando-se, possue-se a si proprio, é independente. Amando as creaturas, as possue, pois é o seo senhor. Seo amor infinito infinitamente o satisfaz. Uma felicidade suprema e inalteravel é a sua partilha. Que pode Deos desejar que não possua? Que cousa mais propria a felicitar do que a contemplação do absolutamente perfeito em si proprio?

Contra a sabedoria, a bondade, e justiça divina se tem apresentado argumentos. Marcio assim objectava contra a sciencia divina pela bondade. « Se Deos é bom, se conhece o futuro, e pode desviar o mal, porque é que permittio ao homem, feito á sua imagem, e que por sua alma é mesmo uma parte da sua substancia, que infringisse sua lei, e que por sua desobediencia tivesse a desgraça de ser enganado pelo demonio, e de soffrer a morte? Com effeito, se Deos fosse bom, previdente e poderoso, ou tivesse estas tres qualidades reunidas, nunca teria acontecido tal desgraça (como Adão bem o experimentou); por isso forçoso é dizer que Deos não tem bondade, nem presciencia, nem

poder, ou ao menos falta-lhe algum destes attributos. »

Facilmente acha resposta esta argumentação.

A liberdade tendo sido outorgada ao homem, o conhecendo elle por meio de sua consciencia o que convem seguir e o que convem evitar, tem todos os meios de chegar á felicidade, e se a ella não chega, é porque abusou de sua liberdade. A liberdade é um dom tão apreciavel, que ninguem a quer perder; ora ninguem quer perder o que julga seo bem; logo a liberdade é um verdadeiro bem. Não é fora da liça, dizia Plutarco, que os vencedores dos nossos jogos sagrados são coroados; é depois de havel-a percorrido.

Alem do precedente argumento contra a bondade de Deos, o espectaculo da sociedade contrista o coração humano. Em toda a parte a protecção tem substituido o merecimento; desconhece-se inteiramente as leis da moral; são respeitados os máos, escarnecidos os bons; a mais insolente sem vergonha se apodera de todas as posições sociaes; o mundo parece se debater convulso no meio de doutrinas perigosissimas. A tudo isso se juntão os nossos erros, a nossa incapacidade, a nossa fragilidade; milhares de causas ameação continuamente a existencia humana. Como coadunar tudo isto com a sabedoria, a justiça e a bondade divina? Vel-o-hemos no seguinte ponto.

PONTO LXXI.

Mal metaphysico e physico: sua existencia não prova contra a providencia de Deos.

Tres males affligem a humanidade: o mal metaphysico ou o de imperfeição, o mal physico ou o de soffrimento, e o mal moral ou o de peccado.

Mal metaphysico. — Tudo em nós tem o cunho da imperfeição; nossas mais interessantes faculdades nos falhão muitas vezes. Somos condemnados a lutar constantemente com nossas paixões. Em uma palavra, tendo a idea de uma felicidade perfeita, amando-a com todas as nossas forças, nunca a alcançamos, sempre sentimos quão incompleta é nossa existencia.

Este mal é necessario. Depende da natureza mesma das cousas e não era possivel a Deos fazer-nos seos iguaes. Nós já vimos que só Deos pode ser o perfeito dos perfeitos. Nossa contingencia é nos sensivel pela

idea que temos do Ente supremo; mas essa idea nunca o pode condemnar por nos ter feito á sua imagem para por meio da intelligencia amarmos o bem, e por meio da vontade o seguirmos. A intelligencia humana é sufficiente, quando bem dirigida, a nos tornar sufficientemente felizes, refrêando as nossas paixões. Porquanto no meio de todos os seos pezares o homem sempre ama a vida, e só por allucinação tenta contra ella. E' porque ella é alguma cousa de real por Deos a nós concedida.

Mal physico. — Em todas as phases de sua vida o homem soffre. Seo corpo é muitas vezes a preza das mais violentas dores; coberto de feridas, tolhido em todo os seos membros, a vida se escôa ás vezes por uma serie de instantes marcados por uma serie de agonias. A cada passo o homem caminha sobre perigos. As mais innocentes cousas na apparencia lhe causão a morte. A mesma natureza parece se conspirar em certas circunstancias contra o homem. As tempestades, as inundações, os incendios, as explosões, os naufragios, as molestias, todo o genero de calamidades, lhe causão dôres, soffrimentos vivos, feridas profundas, que nunca cicatrisão. Ainda ha bem pouco tempo uma epide-

mia horrivel dizimou a população desta cidade; e de parte do paiz, levou a orphandade, a viuvez, a miseria ao seio das familias, espalhou o terror em todos os animos, paralysou o commercio, e abalou profundamente a machina social.

Ora como sustentar a providencia divina, quando tantos males nos cercão mesmo no meio das mais virtuosas acções? Como crêr que um Deos piedoso e justo se compraza a lançar em um profundo abysmo de males a especie humana? Como soffrer tanto e dizer — Deos, tu és justo!

Todos os males physicos devem ser reputados como provas evidentes da providencia.

Seria desconhecer o orgulho humano, deixal-o crêr na sua grandeza e não advertil-o que tudo é fragilidade em nós. A desgraça é um meio de que Deos usa para nos lembrarmos delle: engolfados nos prazeres nos esquecemos que existe um ente a quem devemos um culto extremo; mal desponta a desgraça só nelle achamos consolação: sua divina bondade é um balsamo consolador, que suavisa as feridas dolorosas do coração. Se somos criminosos, o mal physico deve nos lembrar de arripiarmos na carreira do vicio. Se virtuosos, o mal

physico aquilata a nossa virtude. A morte repentina do justo, é um bem; vae receber a palma da victoria sobre as paixões; se é um mal, é para seos parentes e amigos e para a humanidade. A morte repentina do vicioso, é um sabio aviso do quanto mal praticamos, quando demoramos a regeneração da nossa vida, quando adiamos a purificação da nossa torpeza.

Demais, grande numero de males se concilião com a providencia divina, porque são o aviso, do que pode prejudicar a nossa organisação physica.

Pertende-se que a abundancia de cousas inuteis e maleficas, que existem, não revela nem sabedoria, nem bondade no seo creador.

Não se pode estabelecer, que cousa alguma seja inutil, por não concebermos a sua utilidade. A nossa ignorancia nunca nos authorisará a negar a ordem, a sabedoria, a bondade, que presidirão á confecção do universo, quando nós dotados de uma intelligencia imperfeita chegamos a comprehendel-as na maxima parte das cousas. E' uma razão para concluirmos que as outras se achão no mesmo caso, sobre tudo tendo já havido muitas, cuja utilidade ignoravamos, e que hoje reconhecemos.

PONTO LXXII.

Mal moral: sua origem é no homem.

O peior de todos os males é o mal moral, o peccado. Por elle a nossa natureza tão nobre por suas prerogativas se macula. A liberdade que deveria nos servir a alcançar o premio da virtude, nos lança em um pelago de desgraças. A consciencia nos brada, nos clama incessantemente para que sigamos os seos dictames. A razão nos esclarece na pratica desses dictames. Abusa pois o homem da liberdade máo grado sua consciencia, máo grado sua razão. Ellas incessantemente o fazem envergonhar de si proprio. O peccado não tem outra origem a não ser a vontade humana.

Deos, querendo elevar o homem á suprema felicidade, lhe deo a liberdade, para que a podesse merecer e em seo peito gravou os sentimentos indeleveis do justo e do injusto.

Copiemos fielmente as sublimes paginas de Rousseau a este respeito :

« Se o homem é activo e livre, obra por si ; tudo, o que livremente elle executa, não entra no systema coordenado da Providencia, e não lhe pode ser imputado. Não quer ella o mal que faz o homem abusando da liberdade, que lhe dá ; mas não o impede de pratical-o, ou seja da parte de um ente tão fraco este mal nullo ás suas vistas, ou não possa impedil-o sem ferir a sua liberdade, e fazer um maior mal degradando sua natureza. Fel-o livre para que fizesse o bem por escolha, e não o mal. Pol-o em estado de fazer essa escolha, empregando bem as faculdades, com que o dotou ; mas de tal sorte limitou suas forças ; que não pode perturbar a ordem geral o abuso da liberdade, que lhe deixa. O mal que o homem pratica, sobre si recahe, sem mudar nada ao systema do mundo, sem impedir que a especie se conserve apezar de tudo. Murmurar por Deos não o impedir de fazer o mal é murmurar porque o fez de uma natureza excellente, porque poz em suas acções a moralidade que as ennobrece, porque deo-lhe direito á virtude.

« Quem nos torna desgraçados e máos é o abuso de

nossas faculdades. Nossos desgostos e trabalhos nos vem de nós. Incontestavelmente o mal moral é nossa obra, e o mal physico nada seria sem nossos vicios, que nol-o tornárão sensivel. Não é para nos conservar que a natureza nos faz sentir nossas necessidades? Não é a dôr do corpo um signal que a maquina se desarranja, e um aviso de nos prevenirmos? A morte..... Os máos não envenenão a sua e nossa vida? Quem quereria viver sempre? A morte é o remedio dos males que vos causaes ; quiz a natureza que nem sempre soffresseis. Quão pouco o homem, que vive na simplicidade primitiva, é sujeito a males! ...

« Homem, não mais procures o author do mal : tu és o proprio author. Outro mal não existe a não ser o que fazes ou soffres, e ambos vem de ti. O mal geral só pode existir na desordem, e no systema do mundo vejo uma ordem, que não se desmente. O mal particular só está no sentimento do ente, que soffreo: e este sentimento o homem não o recebeo da natureza, elle o formou. A dôr tem pouco poder sobre todo aquelle, que, tendo reflectido um pouco, não tem lembrança, nem previdencia..... Tirai os nossos erros e os nossos vicios, tirai a obra do homem e tudo está bem.

« Se a alma é immaterial, pode sobreviver ao corpo, e se lhe sobrevive, está justificada a Providencia. »

FIM DA THEODICÉA.

MORAL.

PONTO LXXIII.

Definição, objecto, divisão e utilidade da moral.

A moral é *a sciencia que dirige os actos humanos para o justo*, ou de outra maneira é *a sciencia de bem viver para a eternidade*. Todos os seres tem um fim a preencher: uns o preenchem necessariamente sem disso terem consciencia; outros, preenchendo o seo fim, tem de algum modo o sentimento d'este fim, e são os animaes: um só ha que preenche não só o fim para que foi creado, como o conhece, como o realisa pelo livre uso de sua liberdade.

Ora conforme as acções humanas forem proprias a chegar a este fim, ou forem improprias, assim ellas serão bôas ou más; ora nós reconheceremos que o jus-

to é a lei, que regula as acções, que as classifica como proprias a nos levar á eternidade de uma vida passada na contemplação do soberano bem.

Actos humanos, livres ou moraes, são aquelles que o homem pratica com conhecimento de causa, e liberdade: *prælucente intellectu et decernente voluntate*. Os principios destes actos são o entendimento pelo qual o homem toma conhecimento do que vai praticar; a vontade pela qual ao depois se determina a obrar conforme lhe parecer; a consciencia pela qual sabe que faz o que poderia deixar de fazer; o fim que tem em vista; o motivo que o determina; e a lei que o esclarece sobre suas determinações. E, por isso que todas essas cousas concorrem á formação das acções livres, dá-se-lhes o nome de principios, sendo os trez primeiros internos e os outros externos. A bondade e malicia das acções humanas nos é conhecida pelo emprego da consciencia e da razão. e são as suas propriedades.

A moral é geral, se se occupa de determinar o fim do homem, isto é, a sua lei: ella estuda todos os principios e propriedades dos actos humanos. A moral é especial, se trata de marcar as acções do homem em conformidade com esse fim, com essa lei. Como determinaremos o fim do homem, sua lei? Por meio da consciencia. Supponde que nos determinassemos a uma acção por motivos inteiramente oppostos e que esses motivos fossem legitimos, todas as nossas acções serião indifferentes, porquanto serião sempre legitimas qualquer que fosse o motivo. Ora se todos esses motivos fossem legitimos, incomprehensivel seria o destino humano, absurda toda a lei, arbitraria toda a pena e toda a recompensa. Portanto o homem teria o fim, mas esse fim não lhe seria confiado para attingil-o. Seria uma planta, não um ente, que livremente obra para chegar ao fim de sua creação.

Deve pois a moral geral estudar os motivos de nossos actos. Ora esses motivos reconhecerá pela consciencia que se reduzem a tres modos de desenvolvimento; o que se exerce sob a influencia da *paixão*, o que é feito por *interesse*, e o que tem por baze a *obrigação imposta ao agente moral*. Ora um exame attencioso nos mostrará a impossibilidade de chegar-se á lei tal como deve ser, sendo a sensibilidade e o egoismo os motivos legitimos das acções humanas; e ao mesmo tempo nos fará encontrar na razão o verdadeiro principio segundo o qual se devem regular todos os actos moraes.

A razão, fundando-se no sentimento innato do justo e do injusto, nos elevará ás ideas d'obrigação moral, de dever e de direito, de merito e de demerito. Distinguirá o bem do mal, o justo do injusto; nos mostrará a relação do nosso bem com o bem absoluto; qual o papel da razão, qual o do instincto, qual o do egoismo.

Isto feito, especialisando, marcaremos como o homem se deve portar em relação *a si, aos seos semelhantes, e a Deos*, donde *a moral individual, a moral social e a moral religiosa.*

Não ha sciencia mais util que a moral. Seo objecto tem uma relação immediata com nossa felicidade e a de nossos semelhantes. Daqui a necessidade de conhecer a esta sciencia. O erro nas outras sciencias pode não causar damno: um erro em moral é sempre pernicioso.

PONTO LXXIV.

Motivos e fins das acções humanas.

Os motivos que nos determinão a exercer a nossa vontade são trez: 1.° — o instincto, a paixão, ou o sentimento; 2.° — o interesse, a utilidade ou o egoismo; 3.° — a obrigação moral ou o dever. O nosso fim é o prazer ou a dôr, se seguimos a paixão; o nosso bem estar, o nosso melhor bem, se nos determinamos pelo interesse; e emfim o bem em si, se abraçamos o dever, como motivo de nossas acções.

Apenas nossas faculdades principião a desenvolver-se que em nós se produz uma de duas cousas, o prazer ou a dôr; isto em virtude da sensibilidade de que somos dotados. Ora ha grande distincção entre o bem e o prazer, entre o mal e a dôr. O bem e o mal consistem aqui na consecução ou não dos nossos fins. Mas como para a alma não é possivel obrar sem sentir, é evi-

dente que sentiremos prazer sempre que conseguirmos os nossos fins, e pelo contrario a dôr será a nossa acquisição, se os não conseguirmos. E pois, o prazer e a dôr seguindo-se ao bem e ao mal, são de algum modo o signal do bem ou da sua ausencia, e ao mesmo tempo um incentivo para seguirmos o bem e evitarmos o mal. Na sua meninice o homem quasi sempre obra conforme o sentimento, ou paixão de que se acha dominado. Ella por tal sorte exerce sobre o homem um dominio exclusivo que impelle a vontade na sua direcção, sendo que triumpha das paixões a actual e das actuaes a mais forte.

Este estado porem não pode perdurar; a razão pouco a pouco vai apparecendo e operando neste estado uma transformação. Com effeito ella lhe faz ver que todas as suas acções tendem a um fim, a satisfação da natureza humana, para a qual não podemos deixar de nos dirigir. A razão pois considera a satisfação da natureza humana como o seo verdadeiro fim. Ora apenas o homem tenta conseguir esta satisfação que dura experiencia lhe mostra que nunca se acha completamente satisfeito. Então busca ao menos alcançar a maior somma de bens que lhe é possivel, e assim nos leva

a razão da idea do bem á de maior bem possivel. Chegado que tem a essa conclusão reconhece a necessidade de subjugar-se, de moderar-se; pois já tem notado quanto a variabilidade das paixões destroe a ligação que deve unir as acções, e quão numerosas vezes das acções resultão dores, que são logo depois seguidas de grande satisfação. Dahi a necessidade de nos subtrahir a esse imperio para que por meio de um calculo bem dirigido se obtenha o maior bem possivel e se arrede todo o mal. Logo que soffrêamos nossas paixões e procuramos dirigir a nossa vontade de baixo deste ultimo ponto de vista, o motivo das acções é já uma realidade; o que fariamos instinctivamente, agora o fazemos com reflexão, o fazemos debaixo de uma idea, a do interesse.

Ora a experiencia de todos os dias nos mostra que acções, donde resultaria todo o interesse para nós, sem de algum modo nos prejudicarem, deixão de ser por nós praticadas, porque nisso sentimos uma invencivel repugnancia, porque máo grado nosso sentimos a injustiça dessas acções, percebemos que são contrarias aos principios innatos de rectidão e justiça do nosso *eu*, e temos chegado á idea do bem em si, do bem absoluto. Formada

esta idea, nós lhe cedemos, a consideramos obrigatoria. Indigno achamos praticar o mal, e bello o seguir o bem. A idea do bem absoluto nos elevando á de Deos, seo author, mais um motivo temos de permanecer na moral do bem em si, donde deriva o dever.

Este motivo é diverso dos outros dois. Uma mesma acção pode ter por motivo a qualquer dos trez; porem o motivo moral obriga, em quanto os outros aconselhão. « O primeiro só vê a maior satisfação de nossa natureza e é pessôal, mesmo aconselhando o bem dos outros; o segundo só encara a ordem e é impessôal, mesmo quando prescreve o nosso bem. A nós obedecemos, cedendo áquelle; obedecendo a este, nos submettemos a alguma cousa que nós não somos e cujo unico titulo é estar bem, o que é o caracter da lei. »

Portanto, quando seguimos livre e intelligentemente a lei, ha bem moral; ha mal moral, quando transgredimos a lei com consciencia e liberdade. Tanto é assim que no primeiro caso nos julgamos dignos d'estima e portanto de recompensa, e no segundo de censura e portanto de castigo. No primeiro caso temos a satisfação da consciencia, no segundo o remorso.

PONTO LXXV.

Refutação da moral do sentimento.

Se nós tomarmos o sentimento ou a paixão como o movel de nossas acções, se nós estabelecermos que o legitimo motivo das nossas determinações está no prazer ou dôr, que dellas nos resulte, teremos estabelecido como verdadeiro um principio destruidor de toda a moral. Com effeito se o fim, a que devemos buscar chegar, é a satisfação da paixão, claro é que, variando a paixão não só em razão dos individuos, como ainda em razão das circunstancias dos individuos, as acções variarão correspondentemente aos individuos e ás circunstancias: ellas poderão ser oppostas entre si e comtudo serão bôas porque são legitimas, porque tem por fim alcançar o prazer e evitar a dôr. Não haveria pois meio algum de se estabelecer uma regra geral para servir de norma de conducta ao homem; elle com ra-

zão seguiria todas as suas tendencias quaesquer que ellas fossem; não haveria moral, porque todas as acções serião indifferentes, visto que tiravão seo principio da bondade de um motivo sobremodo variavel como é a paixão.

A paixão varia com os tempos, com as idades, com os climas, com os temperamentos, com os sexos, com a saliencia de tal ou tal bossa do cerebro. No mesmo homem vemos os affectos substituirem-se rapidamente uns aos outros; mais ainda, cada um passar por todos os gráos de energia ou de fraqueza. Como pois por meio da paixão querer estabelecer alguma cousa de fixo, de geral e de invariavel, como é a lei?

Nem se diga que tal ou tal paixão poderá servir de regra com exclusão de todas as outras; porquanto nunca se poderá considerar tal ou tal paixão como mais legitima que as outras. Cada paixão é destinada a preencher certo fim na nossa natureza; todas ellas tendem para o seo objecto com todas as forças. Não é pois possivel assignalar entre as paixões uma que de preferencia ás outras deva ser escolhida para servir de guia na determinação de nossa vontade.

Porem nesta questão preciso é não confundir as pai-

xões com os sentimentos que lhes correspondem, com a sensibilidade e os diversos sentimentos tomados como origem das ideas. Ora entre os diversos sentimentos da alma se numera o sentimento do que é justo, e do que é injusto, sentimento que em todos os climas, em todos os tempos, em todos os lugares, tanto no homem culto da sociedade moderna, como no agreste habitante de nossos sertões, tanto no homem engolphado no seio do prazer, como n'aquelle a quem fria reflexão faz considerar-se como seo proprio deos, tanto no meio do louco orgulho do homem, como no centro das orgias, clama e clama imperiosamente; faz-se sentir inevitavelmente, obrigando o vicioso a estremecer ao contemplar o abysmo de males, que a si prepara, e tornando o virtuoso tranquillo no meio da agitação universal, que contempla com os olhos em Deos e a mão na consciencia.

O sentimento do justo é pois natural ao homem, e sempre o mesmo, sempre invariavel; poderão as paixões humanas, poderá o interesse, momentaneamente mascaral-o, assim como tãobem a razão cessa ante elles; mas depressa o homem cahe em si, e impossivel lhe é desconhecer a sua força. Portanto não admittindo o sen-

timento e a paixão como motivo legitimo das nossas acções, nem por isso deixamos de admittir o sentimento do justo como a regra fixa, como a lei de toda a moralidade. Nós excluimos a sensibilidade physica e as paixões todas; não assim o sentimento do justo que se funda na consciencia, e se desenvolve com a razão.

PONTO LXXVI.

Refutação da moral do interesse.

Nós já vimos como o homem guiado pelo amor proprio, pelo sentimento ou pela paixão, reconhecia a necessidade de reflectir, de calcular antes de se determinar, afim de seguir aquella acção que mais propria fosse para alcançar a satisfação de sua natureza. E' isto o egoismo, o interesse, ou ainda o interesse bem entendido. O interesse se revela porem no homem sob diversas formas. Homens ha que tudo referem a si, e, sem comedimento, com os outros não se importão. Outros só fallão na felicidade alheia, só tratando de obter a propria. Certa classe de egoistas se limita a cumprir o que a lei ordena na parte em que prohibe o mal, sem se importar de fazer o bem: querem captar a confiança de seos concidadãos. Ainda ha egoistas, que pratição o bem por mêdo de Deos, e outros que, repugnando com o vicio coberto de hediondez, com elle se congração quando ataviado de galas.

Na doutrina do interesse ha uma grande modificação, que consiste em tomar por norma de conducta a *utilidade geral*. Neste caso ou os individuos se determinão para estas acções porque do bem geral reverte para elles tãobem alguma cousa, ou então sacrificão o seo interesse particular. No primeiro caso a doutrina do interesse permanece a mesma; no segundo caso o seo motivo já não é o mesmo; elle procura o bem dos outros á custo do proprio, o que é muito differente.

Ora o motivo egoista desconhece os outros dois motivos de nossas acções. Porque é evidente que antes de nós por meio da razão calcularmos o resultado de nossas acções, já as praticavamos impellidos por nossas necessidades. Logo as nossas acções já tem sido determinadas pelo instincto por assim dizer, e portanto nós já tivemos occasião de experimentar o prazer ou a dôr, que dellas resultão. E pois é preciso que admittamos que na realidade o instincto e a paixão são muitas vezes o movel das nossas acções.

De outro lado o dever despido de toda a consideração nos suscita muitas vezes a obrar. Qual o homem que uma vez ao menos em sua vida não tenha con-

sultado a voz de sua consciencia, e sem attender a resultados, sem se importar com dôr ou prazer, utilidade ou prejuizo, tenha seguido essa voz? Verdade é que estes trez motivos se dão ordinariamente a mão; verdade é que o preenchimento do dever traz comsigo o prazer e outras muitas vantagens, e ao contrario a transgressão traz a dôr, e más consequencias. Não deixa porem de ser verdade que o motivo moral é diverso de todo outro, e é uma realidade.

Comtudo não nos illudamos. O homem é uma natureza contingente. Elle não pode sempre praticar o bem só pelo bem e evitar o mal só pelo mal. E' preciso que seo existir não seja um continuo soffrer, ou um continuo gozo. Esperar do homem, mesmo daquelle dotado de uma razão eminente, o preenchimento exacto do bem, sem que nada o recompense, esperar que nos libertemos do jugo das paixões sem d'ahi tirarmos uma utilidade, é uma quimera. Sim, o homem pode em muitas circunstancias praticar a virtude; porem se á virtude não estivesse ligada uma intima satisfação, e ao vicio o remorso, se sobretudo não houvesse a idea de um Deos justo, como suppor que nós miseraveis podessemos sempre e sempre exercer o de-

ver, nunca alcançando o bem ou ao menos não tendo uma esperança em outra vida? Que! pretende o homem que o dever sem a consideração do summo bem possa levar-nos a uma vida toda sem mancha alguma de peccado? Seja porem como for nunca o interesse por si só pode ser a bazo de uma moral sã: de tal doutrina dimanão as seguintes consequencias, que extrahimos de um moderno manual de philosophia:

« 1.° — Uma acção só se qualificando em relação ao bem estar geral, e sendo este muito variavel, segue-se que nada em si é bom ou máo.

2.° — O bem estar pessoal sendo a unica medida do direito, cada qual tem direito de fazer o que lhe parecer.

3. — Todo o objecto podendo ser agradavel a alguem, cada um tem direito a tudo; donde resulta que ninguem tem direito a cousa alguma. Porque, como disse Bossuet, não ha direito contra direito, e um direito, que pode ser destruido por um outro, não tem existencia real.

4.° — Não ha merito nem demerito, remorso nem satisfação moral, desinteresse nem sacrificio, &c.

5.° — Nenhuma prescripção moral é obrigatoria, porque cada um é juiz em ultima instancia da moralidade de sua conducta.

6.° — Destruição portanto das bazes da sociedade. »

A enumeração destas consequencias é sufficiente para mostrar o absurdo de tal doutrina.

PONTO LXXVII.

Do bem e do mal moral.

Quando examinamos o mal e o bem, não podemos deixar de reconhecer uma grande differença entre elles, uma differença essencial. E' assim que somos involuntariamente acommettidos de horror ao ouvir narrar que um individuo não duvidou dar a morte ao author de seos dias; e ao contrario ficamos enthusiasmados, quando prezenciamos alguem com risco da propria vida salvar a de seo semelhante. Haverá alguem que negue a essencial differença de nossa maneira de sentir nestas duas occasiões? Donde procede que o homem de bem é por todos respeitado? Donde procede que o mesmo malvado não se póde eximir de sentimentos de temor e respeito para com aquelles que por seos actos se tornão credores de toda a consideração? Donde procede o remorso dos criminosos senão da consciencia de que tem praticado mal, senão de um sen-

timento tal que só por sua existencia podemos concluir que o bem é essencialmente diverso do mal. Com effeito, examinando os diversos sentimentos da nossa alma, quando pratica diversas acções, nos mostra a observação que muitas vezes independentemente do bom rezultado, que de uma acção colhemos, ella sente que essa acção foi má; quando ao contrario julga bôas outras, que lhe forão prejudiciaes? Por esse caracter os sentimentos nos revelão que em si são taes; que são representativos de alguma cousa que em si é bôa, ou de alguma que em si é má. Com effeito seria absurdo admittir que esses sentimentos naturaes, universaes e immutaveis, produzindo em nós estados diversos, proviessem de causas as mesmas.

Assim quer estudemos os sentimentos da alma por occasião das nossas acções, quer os estudemos testemunhando as acções alheias, sempre reconhecemos a diversidade de suas causas pela diversidade de seos effeitos. A' medida que nossa razão concentra-se no seo exame estes sentimentos tornão-se para nós ideas tão claras, tão lucidas, que julgamos serem a expressão tão legitima da realidade como a consciencia o é da existencia real, positiva do nosso *eu*.

A idea pois do bem e do mal, originada do exercicio da razão sobre os sentimentos correspondentes, é a baze de toda a moral. Della deriva a lei, que, invariavel, manda seguir o bem e evitar o mal. Com effeito, consultando a nossa consciencia, nos certificamos que a idea do bem regula a lei quando impõe a obrigação de praticar o bem, e que a idea do mal regula igualmente a lei, quando ella prohibe as acções más. Porque o bem é bem de sua natureza, e o mal é mal, e é impossivel que na presença do bem não o queiramos alcançar, como é impossivel que na do mal não nos esforcemos por evital-o. O bem é bem, o mal é mal, pela mesma razão que Deos é necessario, que o composto é finito, que a circumferencia tem seos pontos equi-distantes do centro. Tudo na natureza é ordem, e ordem é que o ente contingente livre siga o bem, podendo seguir o mal. O poder seguir o mal eis o que dá merito ao homem; é por elle poder ser vicioso, que merece louvor, se é virtuoso. Merito não ha em seguir o bem, quando é impossivel seguir o mal.

PONTO LXXVIII.

Lei : direito e dever.

A lei é a summa razão, que manda o que é bom e prohibe o que é máo. *Lex est ratio summa insita in natura, quæ jubet ea quæ facienda sunt, prohibetque contraria.* Tem a sua razão na differença essencial do bem e do mal. Dahi deriva a obrigação moral que ella impõe. Mas note-se bem que a obrigação é imposta ao homem, que é livre. Para o sol não ha obrigação de nascer, porque obedece a uma lei, á qual não se póde furtar. Seo caracter é a *universalidade* e a *invariabilidade*. Com effeito o bem sendo o bem independente de toda a circumstancia imaginada ou por imaginar e do mesmo modo o mal, sempre a lei aconselhará as mesmas acções como bôas, e prohibirá as mesmas como más; portanto nunca a obrigação por ella imposta deixará de ser valida para tal homem, ou para tal circumstancia.

Da obrigação moral resultão as ideas de dever e direito. Pela primeira sou obrigado a fazer o que a razão me mostra ser bom; pela segunda tenho o poder de fazer o meo dever sem estorvo. Por isso tãobem considero deveres e direitos nos meos semelhantes, donde as ideas de justiça e injustiça.

Mal temos praticado uma acção, que segundo a obrigação que sobre ella nos impunha a razão, a julgamos bôa ou má moralmente, e este juizo é logo seguido de outro pelo qual nos julgamos dignos de recompensa ou de despreso. Daqui as idéas de merito e de demerito. Ora como não é possivel formarmos o juizo sobre a bondade ou malicia da nossa acção sem sentirmos essa bondade, ou essa malicia, e sermos affectados agradavel ou desagradavelmente, nos achamos até certo ponto recompensados ou castigados.

O premio pois é o bem annexo á observancia da lei e o castigo é o mal annexo á sua transgressão. Constituem elles a *sancção da lei*, e se conhecem pelo nome de satisfação moral e remorso, A sancção garante a execução da lei.

A lei é natural ou positiva. A primeira, que já difinimos, tem por author a Deos, que creou a natureza; por caracter a universalidade e a invariabilidade; por sancção a consciencia, que a promulga.

As leis positivas são os regulamentos da authoridade competente para obter a execução da lei natural.

As recompensas e os castigos são naturaes ou positivos conforme impostos pela lei natural ou pelos homens. São ainda physicos ou moraes, conforme applicados ao corpo ou ao espirito.

E' evidente que a lei natural é quem constitue o principio d'obrigação das leis positivas. Os caracteres necessarios para as leis positivas regerem a sociedade são: a sua justiça, a sua universalidade, a origem em um poder competente (este poder é o marcado pela léi organica ao paiz) a sua promulgação, e a sua sancção. Se lhe faltar qualquer destas circumstancias, ella não será obrigatoria, se não em quanto entrar na lei natural, a qual resume todas estas condições.

PONTO LXXIX.

Consciencia moral; sancção da lei natural.

A consciencia moral é esse subito juizo pelo qual a alma pronuncia que uma acção é bôa ou má; conforme ou contraria á lei: é essa intima voz que nos approva ou desapprova.

« Consciencia! consciencia! exclama Rousseau, divino instincto, voz celeste e immortal, guia seguro de um ente ignorante e limitado ainda que intelligente e livre, juiz infallivel do bem e do mal, que tornas o homem semelhante a Deos! és quem constitue a excellencia de sua natureza e a moralidade de suas acções; sem ti nada sinto em mim que me eleve acima dos brutos a não ser o triste privilegio de cahir de erros em erros por meio de um entendimento sem regra e de uma razão sem principio. »

A consciencia, quando julga das acções nem sempre é infallivel. Pode não só ser incerta como erronea. Neste ultimo caso praticamos ás vezes o mal, julgando fazer o bem.

Muitas são as causas dos erros de consciencia: entre ellas se devem numerar como principaes as seguintes: — limitada comprehensão do espirito, prejuizos de toda a qualidade, e paixões. Daqui a necessidade de estudal-as e tel-as sempre presentes ao espirito, para que não nos conduzão tanto mais seguramente ao mal quanto para elle caminharmos de melhor fé. E' verdade que se nós avaliarmos sempre os juizos da consciencia moral com os olhos da razão, nunca deixaremos de nella encontrar um guia seguro.

Quando por ignorancia praticamos o mal, não devemos ser responsabilisados; mas se a ignorancia é filha da nossa irreflexão, se por culpa nossa é que ignoramos, então somos responsaveis.

Já dissemos que a sancção garante a execução da lei natural e das positivas. Ora nós temos evidentemente trez sancções, que todos já teremos experimentado em nossa vida. Com effeito sendo nossas acções necessariamente bôas ou más quando livres, necessariamente

ellas terão sido premiadas ou castigadas pela consciencia, pelas leis positivas e pela opinião publica.

Com effeito não é possivel praticar um acto de virtude sem que a *satisfação* de nossa consciencia já seja para nós uma recompensa. E' muitas vezes esta satisfação que dá ao homem virtuoso bastante coragem para resistir aos embates da intriga. Ao contrario o *remorso* se levanta terrivel e incessante na consciencia do criminoso. Não temos nós visto tantas vezes o assassino julgar-se perseguido pela sombra de sua victima? E' o remorso que lhe rasga o intimo do coração.

Mas se nós consideramos que a satisfação da consciencia é não poucas vezes sobrepujada pelas desgraças de toda a sorte, que accommettem o homem virtuoso, ao mesmo tempo que no criminoso, á medida que penetra na senda do crime, o remorso vae desapparecendo, chegando mesmo a aniquilar-se, concluiremos que nunca a satisfação e o remorso da consciencia constituirão uma sancção sufficiente da lei.

Pelo lado das leis positivas vemos recompensas serem reservadas para os cidadões uteis e proeminentes, em quanto castigos são destinados aos infractores das disposições legaes, que tirão seo fundamento da lei natural.

Por este lado considerada, a sancção ainda é incompleta. Quantas vezes não tem a justiça humana torturado o homem justo e apotheosado o malvado? Demais certas acções ha que por sua natureza ou por occultas, se furtão a toda a acção das leis sociaes. E' verdade que as primeiras destas acções achão na opinião publica o premio ou a punição. Mas quem se poderá fiar na opinião publica? Ella hoje endeosa tão levianamente como hontem proscrevia. A opinião principalmente, na épocha de desordens sociaes, é a mais variavel de todas as cousas.

E pois consciencia, leis positivas, e opinião publica, não sanccionão completamente a lei. Uma só cousa tem este poder: é a immortalidade da alma.

PONTO LXXX.

Immortalidade da alma.

A crença universal dos homens em uma vida futura, onde a virtude será premiada e o vicio punido, é já sufficiente para que se acredite na immortalidade da alma. Se Pythagoras, Socrates, Platão, Cicero e tantos illustres varões da antiguidade e dos tempos modernos professão essa crença, devemos por isso já ter alguma fé nessa crença.

Porem esta questão se nos mostra com mais evidencia, quando, estudando a natureza da alma, reconhecemos a possibilidade dessa immortalidade. Com effeito, só morre aquillo cujas partes se dissolvem. Mas o simples não tem partes, logo não morre. Se a alma é immaterial, disse Rousseau, pode sobreviver ao corpo.

Tanto mais é isto assim que a união da nossa alma ao corpo é com razão considerada um estado forçado. São duas substancias inteiramente diversas; uma é simples, indivisivel, inextensa, sem figura, invisivel, activa,

pensante; a outra é composta, divisivel em muitissimas partes, extensa, de uma figura determinada, visivel, inerte e sem pensamento. Esta diversidade é tal que ainda não podérão os philosophos explicar o commercio entre estas duas substancias. De sorte que, se alguma cousa ha para admirarmos, é mais a união destas duas substancias, do que a sobrevivencia da alma. Representemos dois corpos unidos, separemol-os. Quem dirá que essa separação implicará a destruição de qualquer delles? Seja um destruido, destruir-se-ha o outro? Não. Se isto é verdade a respeito de substancias analogas, quanto mais de substancias tão diversas.

Consideremos ainda que no momento, em que morre o homem, separão-se é verdade os elementos do seo corpo; porêm não se destroem, vão formar novas combinações, vão existir de outro modo. Devemos pois concluir que a alma substancia simples não se aniquila ao separar-se do corpo.

Está pois evidentemente mostrada a immortalidade da alma. Resta porem fazer ver que no momento em que, dissolvidas as partes do corpo, a alma se desprende de seos laços terrenos, ella conserva a consciencia

de sua identidade, continua a viver a sua vida de intelligencia. Eis o que já vamos provar.

Se Deos é justo e bom, elle não permittirá que impune e orgulhoso marche o vicio, perseguida, desconhecida, vilipendiada seja a virtude. E' impossivel a omnipotencia e a justiça divina, se é possivel que a lei não tenha uma sancção efficaz. Ora a sancção que para a lei se pode derivar da consciencia, das leis positivas e da opinião publica, já mostrámos ser incompleta. A despeito dellas a historia nos offerece a cada passo numerosos exemplos da virtude desconhecida e perseguida até o ultimo instante, e do crime orgulhoso, respeitado e victorioso. E' pois uma consequencia da justiça, omnipotencia e bondade divina a conservação da vida da alma para poder ella ser premiada ou castigada.

« O homem, diz o Sr. Emilio Saisset, recebeo da Providencia maravilhosas faculdades, cuja natureza é tal, que não só não basta a vida actual para satisfazel-as, o que já prova uma vida futura, como ainda não podem achar o seo legitimo destino a não ser na posse ou antes na busca perpetua de seos objectos, portanto em uma vida que não tenha termo. Logo, quando se prova que a condição terrestre nada mais é que o preludio de

uma outra existencia, tomando por fundamento a força natural destes nobres instinctos do coração e do espirito do homem, demonstra-se igualmente que esta segunda existencia não terá fim. »

Com effeito comprehende o homem a infinita perfeição e tende sempre para ella, e por isso precisa de uma vida infinita para infinitamente progredir na sua perfeição.

PONTO LXXXI.

Deveres do homem para comsigo.

Composto de duas substancias a corporea e a espiritual, duas são as classes de deveres, que tem o homem a preencher para comsigo. A' primeira classe se referem os deveres para com o corpo: á segunda os para com a alma, incluindo-se todos nestas poucas palavras — conserva-te e aperfeiçoa-te; *serva te ipsum et perfice te.*

Deveres para com o corpo. — Se achão comprehendidos nestas duas maximas formuladas por Kant: *Preserva o teo corpo de tudo o que fôr prejudicial á sua conservação e ao seo desenvolvimento: Faze uso de todos os meios proprios a fortificar e desenvolver o teo corpo.* Uma destas maximas é negativa e prohibitiva, e a outra é affirmativa e exhortativa. A obrigação imposta pela primeira é restricta; a imposta pela segunda já não o é. Daqui a denominação de perfeitos para os deveres negativos e de imperfeitos para os outros. O que acabamos de dizer é applicavel a todos os nossos deveres.

Como no homem se notão duas grandes funcções, as de nutrição e de reproducção, comprehenderemos todos os deveres para com ellas nestas duas palavras: *continencia e sobriedade.* A hygiene nos dá a conhecer quaes os nossos deveres para com o corpo, porque se occupa de conservar a saude.

Um dos principaes deveres para com o corpo é o de não tentar contra a propria vida. Com effeito *o suicidio* ou o acto pelo qual o homem se dá voluntariamente a morte, offende a Deos, á sociedade e á natureza. Offende a Deos porque substituimos a nossa á sua vontade, pois que a vida só nos foi dada em usufructo e como um meio de merecermos. Offende á sociedade porque a priva de um membro, que lhe pode sempre ser util, e que tem obrigação de lhe retribuir os immensos beneficios que della tem recebido. Coberto de crimes o homem poderá ser util, dando o exemplo do arrependimento; opprimido pela desgraça, é ainda util pelo exemplo de resignação. Offende a natureza porquanto é um instincto universal de todos os animaes a propria conservação, que é talvez a primeira das obrigações. Demais a natureza creando-nos nos impoz deveres a cumprir; libertar-nos delles é desconhecer os fins della.

Deveres para com a alma. A alma é dotada de sensibilidade, de faculdades intellectuaes e moraes, e por isso deve não só o homem cultivar e aperfeiçoar estes dons, como nada praticar que os degrade.

A grande e muitas vezes irresistivel força das paixões, que tanto modificão a sensibilidade e mesmo a alterão até um certo ponto, nos impõe a necessidade de regulal-as, de refrêal-as. Quanto podem ellas alterar e falsear o entendimento e a vontade, a experiencia quotidiana nol-o mostra.

E' um dever nosso cultivar e desenvolver o nosso entendimento. Por meio delle conhecemos a verdade e o bem; conhecendo a ambos, não podemos deixar de amal-os. A mentira avilta a natureza humana e Kant a considera como a maior transgressão dos deveres do homem para comsigo.

Se a razão nos persuade da bondade e malicia real das acções humanas, é um dever amar a virtude, persistir no seo caminho, evitar tudo o que nos conduza ao mal. O homem, conscio de sua dignidade, nunca deve descer á pratica de certas acções baixas. A baixeza é o verdadeiro suicidio da dignidade humana. Que respeito poderá merecer aquelle que se faz es-

cravo de outrem, a quem adula; aquelle que consente serem seos direitos calcados a trôco de qualquer dinheiro, aquelle que mendiga lautos jantares? Nenhum.

Concluamos com uma ultima observação. Nunca deve o homem ir para o leito sem primeiro ter feito um minucioso exame de consciencia. A utilidade desta pratica é tão saliente que desnecessario se faz mostral-a.

PONTO LXXXII.

Deveres do homem para com os outros.

O homem por isso só que é homem tem obrigações para com seos semelhantes. Estas obrigações são independentes da sociedade. Reduzem-se ás tão conhecidas maximas seguintes:

1ª — *Aos outros não faças o que não queres que te fação.*

2ª — *Aos outros faze o que queres que te fação.*

Comprehendem ellas todos os deveres tanto de justiça como de humanidade. Pela primeira nenhum embaraço devemos pôr em que os outros cheguem ao seo fim; pela segunda devemos coadjuval-os, auxilial-os na obtenção deste fim.

Com effeito, se eu sinto e a minha razão me mostra que é máo que me prejudiquem, não só no meo corpo, como na minha alma, que a minha vida não me pode ser tirada, nem minha dignidade desconhecida, sem ferir os meos direitos, por iguaes razões devo eu

não prejudicar os outros em cousa alguma, não attentar contra sua existencia, nem desrespeital-os como entes moraes. E' portanto o dever de todo o homem respeitar a vida e a propriedade alheia, não offender a honra de seo semelhante; não prejudical-o em cousa alguma.

Mas o homem quer tãobem ser coadjuvado da acquisição do verdadeiro bem, quer que lhe fação todo o bem, e por uma retribuição justa deve por sua vez fazer todo o bem aos outros. Quando nós praticamos os deveres relativos á primeira maxima, cumprimos um dever restricto, a que não podemos nos subtrahir sem crime. Quando cumprimos os da segunda, é de algum modo menos rigorosamente; por isso tãobem o homem sente-se mais satisfeito, quando os cumprio. São elles de humanidade e o elevão ao mais sublime grão. Todo o homem tem direito á felicidade e é uma barbaridade viver entre homens irmãos, que soffrem, e não fazer-lhes bem algum, só porque não é obrigação restricta.

Estas duas maximas acima referidas constituem as duas grandes leis da sociabilidade. A primeira inclue todos os deveres de justiça; a segunda todos os de caridade e de humanidade.

Da primeira dellas se deduz que o *duello* é *illicito*.

Com effeito o duello é um combate singular, em que os adversarios convencionão o lugar, as horas, e as armas, destinado a lavar uma injuria, ou a descobrir um crime. Neste ultimo caso o denominárão *juizo de Deos !*

Nunca deverá ser admittido o duello em um estado bem constituido. O duello offende a lei natural por isso que o homem attenta contra a vida de seo semelhante, expondo a sua ; pois segundo esta lei elle não pode ser homicida, nem suicida. Não pode justificar o duello o termos sido affrontados ; porquanto o homem não pode ser juiz na propria causa, e alem disso o duello por sua natureza pode ser funesto só para o innocente. A experiencia tem mostrado que de ordinario o offendido é quem succumbe, e outras vezes é um espadachim que rouba a vida a um cidadão pacifico e util a seo paiz.

Outra razão que nos não deve esquecer é que offendemos o chefe do estado, o governo, e os magistrados, que tem de executar as leis e julgar segundo ellas quando, desprezada a sua authoridade, desafiamos a outrem. Não será desculpa o dizer que e justiça humana é quasi sempre inefficaz nos ataques á honra alheia, porque a insufficiencia da justiça humana em certos casos não nos liberta do dever de sempre respeitar a lei. Devemo-nos lembrar que Socrates, innocente e condemnado, preferio sujeitar-se á morte antes que fugir, para o que lhe davão os meios seos discipulos ; por quanto julgava imperiosa a necessidade de todo o cidadão sujeitar-se á lei.

PONTO LXXXIII.

Sociedade domestica ou familiar.

Sociedade, genericamente fallando, é a *união de duas ou mais pessôas com vantagem commum.* O homem vive em duas sociedades: na *domestica* ou *familiar* e *na politica* ou *civil.*

Collocado no mundo o homem, por seos instinctos, levado por sua natureza, unio-se á mulher, e o matrimonio foi a consequencia. Formou-se pois a sociedade familiar, que como se está vendo é a mais antiga, porque nasceo com o primeiro homem, e a mais natural, porque della depende a conservação da especie.

Da união do homem com a mulher, nascem os filhos e pela propagação os diversos gráos de parentesco. Estes principaes gráos são de marido e mulher, de pae, mãe e filhos, irmãas e irmãos. Alem disso na familia temos os criados e por uma anomalia, que ultraja a humanidade, os escravos.

Consideremos pois successivamente o homem como marido, pae, filho, irmão, amo, servo, senhor e escravo.

Como marido deve o homem á mulher amor, fidelidade e protecção duradouras. A natureza mandando aos paes velarem na educação dos filhos, assim era necessario. Sendo evidentemente o homem superior, é elle que deve ter authoridade; porem deve partilhal-a com a mulher.

A mulher deve ao seo esposo amor, fidelidade e obediencia. E' da mutua confiança entre os esposos, que nasce a tranquilidade do cazal. E' por sua mutua coadjuvação que os filhos podem ser bem educados, e que podem todos passar uma vida agradavel no meio de tantas cousas proprias a mortifical-os.

Como pae deve o homem velar continuamente na educação de seos filhos. O seo physico lhe deve merecer cuidado, assim como a sua instrucção e moralisação. Incompleta é a educaçao, se não se dirige convenientemente a esses trez fins. E' ao descuido, que tem havido na educação moral, e ao cuidado demasiado na educação physica e intellectual, que se deve attribuir os desmandos da geração actual em relação á certas theorias sociaes.

Como filho deve o homem a seos paes amor, respeito, obediencia, docilidade, e soccorro sempre que o precisarem.

Como irmãos, se devem os homens um reciproco commercio de bôas obras. Nada mais natural do que ver a irmãos, ligados por uma mutua amisade, auxiliarem-se, tomarem a peito os seos interesses.

Como amo deve o homem comportar-se para com o servo com toda aquella justiça, bondade, e humanidade a que é obrigado para com todos, pois que o servo não perde os fóros de homem pela condição em que a fortuna o collocou. Alem disso deve cumprir exactamente o ajuste que tiver feito.

Como servo deve o homem insistir mui particularmente no cumprimento de todos os seos deveres para com seo amo como homem, e especialmente deve servil-o com zelo, fidelidade, discrição e respeito.

Quanto aos deveres do *senhor* e do *escravo*, sendo elles arbitrarios, como arbitraria e despotica é a escravidão, nada temos em moral a dizer sobre elles. As conveniencias sociaes são as que os regulão.

PONTO LXXXIV.

Sociedade civil ou politica.

A sociedade civil ou politica é a *constante reunião de muitas familias, que, cedendo a sua independencia natural, se congregárão sob um mesmo governo para maior felicidade de todos.*

A sociedade civil é caracterisada pela subordinação a um poder supremo, que substitue a igualdade e independencia natural.

O homem nasceo para viver em sociedade, porque assim o requerem suas necessidades, suas tendencias e suas faculdades. Os cuidados, os soccorros necessarios ao menino para poder vingar; a educação physica, intellectual e moral, necessaria para elle ser feliz pelo preenchimento do seo fim; a necessidade de ter uma companheira que se associe a todos os seos pezares e prazeres durante a sua virilidade; os cuidados e os serviços que pede a velhice no homem, são considerações já por si bastante fortes para estabelecer que a socie-

dade é um estado natural. Mas quando se considera a *inutilidade* da intelligencia e da liberdade, se não vivesse o homem em sociedade, mais forte ainda se torna a convicção. De que serve o conhecimento da verdade, se não fôr elle um meio de felicitar-nos, mostrando-nos o verdadeiro caminho do bem, e de tãobem felicitar aos outros homens, fazendo delle uteis e beneficas applicações? Pois que! heide eu amar a virtude, ser capaz de uma dedicação a toda a prova, e estereis hão de permanecer estes sentimentos! Não, que ahi está a sociedade humana, a cujos membros posso amar como irmãos e aos quaes me posso dedicar por uma caridade sem limites. Rigorosamente fallando é o homem intelligente e livre, portanto é um ente que sente, marcha na vereda do progresso e do bem. Mas o homem, que por uma casualidade não tenha vivido em contacto com a sociedade, será um bruto, pouco differirá do animal, sua intelligencia será limitadissima; sua moral será por assim dizer nulla. Porque? Porque não bebeo na sociedade as ideas e os conhecimentos transmittidos por uma serie de gerações.

Porem o que mais que tudo prova que o homem

nasceo para a sociedade é a faculdade, que tem de fallar, e de por esse modo communicar as suas ideas, os seos pensamentos; ora inutil, perfeitamente inutil seria essa faculdade se vivesse só, no *estado de natura.*

Vemos ainda que, collocados ao lado uns dos outros, unem-se pelos mesmos sentimentos e pelos mesmos desejos. Sentem todos uma invencivel inclinação para se interessarem pelos outros. Sentem todos o desejo de obterem a felicidade. Pois esta communidade de sentimentos e desejos é um forte laço, que liga os homens ao estado social.

A' medida que naturalmente se estabelecêrão as sociedades civis, novas relações se formárão. São as que ligão as sociedades ou nações entre si. Donde o *direito das gentes* que nada mais é que a applicação da lei natural ás nações consideradas como pessôas moraes, e a *politica*, que consiste na prudencia e habilidade, com que o governo de um paiz mantem a paz e a segurança publica, a gloria e a prosperidade patria, sem prejudicar as outras nações, fazendo-lhes mesmo todo o bem, que estiver ao seo alcance.

PONTO LXXXV.

Deveres do homem para com Deos.

A idea de dever foi por nós derivada da do bem por meio da razão. Mas se nós encaramos o dever em relação a Deos, elle é uma ordem, e seo cumprimento um culto. Deos quer o bem, e nós o seguimos, e, seguindo-o, temos ante os olhos a esperança da recompensa, e o temor de Deos, como resultados necessarios do nosso merito e demerito.

Não é possivel contemplar as perfeições de Deos sem que em nosso coração se gerem sentimentos de amor, respeito, reconhecimento, temor e humildade. O complexo de todos estes sentimentos é o sentimento religioso, o culto interno. Adorar, amar, temer e obedecer a Deos, eis ahi deveres que tem o seo fundamento na supremacia da essencia e existencia divina, na bondade, na justiça, na providencia e sabedoria infinitas, que nunca permittirão o mal impune e o bem menosprezado.

Nada mais impio ha que pretender que a educação é quem suscita os sentimentos religiosos. A educação pode bem dirigil-os, modifical-os; mas não é a sua authora. Com effeito o homem é por natureza amante. Quando menino o vereis amar sua mãe, quando adulto amar a mulher, quando mais idoso amar sua familia. A vida sem amor é inconcebivel. Amão mesmo os malvados. Ora perguntai a quem quer que ame se o objecto que ama é máo? Responder-vos-ha que não; pois se encontra nelle alguma cousa má, a toma por bôa. Quanto mais sentir a perfeição do objecto amado, mais o amará. Como pois pretender que o amor que tributamos a Deos, que é o bem em si, que é a perfeição infinita, não seja um sentimento que irresistivelmente se forma em nós pela contemplação da mesma essencia divina? E' uma proposição incontroversa que — *só amamos o bem e que, se amamos ás vezes o mal, é parecendo-nos o bem.* E pois quem conhece a Deos por força hade adoral-o, isto é, amal-o e respeital-o.

O sentimento religioso em si constitue *o culto interno.* Manifestado ao exterior por signaes toma o nome de *culto externo.* O culto externo serve a exprimir os nossos sentimentos para com Deos, conserva, fortifica, su-

blima o culto interno. Assim considerado facil nos sera examinar se o culto externo é necessario, se é obrigatorio.

Ora ninguem porá em duvida que o sentimento religioso está mais que qualquer outro sujeito a desapparecer no meio da preoccupação dos cousas mundanas, e das paixões e interesses terrenos. Ora não ha sentimentos que não enfraqueça e mesmo desappareça com o correr dos tempos, uma vez que seo objecto se não apresente mais. Pois bem desprezar o culto externo seria expor-se infallivelmente a deixar de empregar os meios necessarios para o cumprimento dos deveres para com Deos. Se é natural que exprimamos todos os nossos sentimentos não menos natural é exprimir o sentimento religioso. Emfim o culto externo é um meio de repremir as paixões e diminuir os crimes; é origem de toda a civilisação.

Portanto é verdade que a religião, ou o *cumprimento de todos os deveres que a razão e a revelação prescrevem ao homem*, é uma necessidade, porque Deos o manda, porque a moral o exige, porque o dever o requer.

FIM DA MORAL.

HISTORIA DA PHILOSOPHIA.

PONTO LXXXVI.

Importancia da historia da philosophia.

A historia da philosophia é a *historia de todas as tentativas do espirito humano para dar uma explicação do homem, de Deos, do mundo e de suas relações.*

Desde o primeiro homem até á geração actual sempre se tem buscado a resolução do problema philosophico — formar uma idea exacta de Deos, do homem, do mundo e de suas relações —. Progresso sempre tem havido; mas tãobem sempre o ha de haver sem nunca se chegar á sua completa resolução. Systemas e theorias em todos os tempos se tem levantado para logo depois cahirem. Mas cahindo no seio de seos destroços sempre se encontrão algumas verdades mais ou menos impor-

tantes, que vão sendo legadas á geração vindoura. Sendo pois verdade isto, o que importa ao philosopho é de todos os systemas, de todas as theorias, colher o verdadeiro, dar-lhe um corpo, animal-o pela razão ; porquanto talvez tenha o espirito humano emprehendido neste proposito quantos caminhos seja possivel.

Se tivessemos de formular um systema com nossas proprias forças, poderiamos estar certos desse systema ? Não, em quanto não examinassemos todos os outros systemas para nos convencermos de que nada omittimos, que não demos mais importancia a umas condições que a outras, que o nosso methodo foi rigoroso, que não argumentámos sobre uma base falsa, que não nos escapou consequencia alguma. Em philosophia nunca se comprehende bem uma verdade sem ter examinado todas as opiniões a respeito. Vê-se pois que sem a historia da philosophia não se pode bem apreciar as opiniões philosophicas. Ella ainda faz alguma cousa mais. Mostra as consequencias dos principios das diversas escolas pelos erros e faltas dos discipulos.

Ella estuda as causas, que derão lugar aos systemas, ás diversas escolas, e portanto nos fornece sobre ellas uma idea mais perfeita que a do proprio author. Quantas vezes ideas, que chamamos nossas, forão por nós bebidas nos nossos mestres, nos nossos livros, &c. ? E' assim que o homem, que estuda a historia, é o mais proprio para conhecer como as escolas se forão succedendo e determinando umas ás outras. Quando reina por exemplo o scepticismo breve se lhe segue o mysticismo.

Verdade é que um homem de genio pode retardar, ou apressar o movimento das ideas em um sentido. Mas isto só é dado ao talento transcendente.

As leis, que a historia manifesta no desenvolvimento das escolas, tãobem se notão nos individuos. Nós já dissemos que o mysticismo seguia em geral o scepticismo : pois a experiencia mostra no individuo a facil passagem da incredulidade para credulidade.

A philosophia por sua natureza influindo sobre cada epocha, assim como recebendo tãobem a influencia das epochas, offerece um gráo de interesse elevado.

PONTO LXXXVII.

Qual o methodo que se deve seguir no estudo da historia da philosophia.

Sendo a historia da philosophia de uma importancia innegavel para o estudo desta sciencia, parece que se deveria principiar este estudo pela historia. Entretanto assim não é. Com effeito os primeiros systemas a estudar sendo incompletos, nós não os poderiamos interpretar, se já não possuissemos conhecimentos philosophicos. Depois de os ter imcompleta, mui incompletamente comprehendido, como formar um juizo de seo valor, se nos faltão os principios necessarios para julgal-os? Donde se vê a impossibilidade de formar uma idea exacta dos systemas sem primeiramente termos formado ideas sobre a philosophia.

Comtudo é possivel que objectem, dizendo que nossos juizos durante este estudo apenas são provisorios,

e que á medida que passarmos de uma escola para outra rectificaremos as nossas ideas. Ha porem nesta maneira de estudar a historia da philosophia um grande perigo. E' o de não mais formarmos opinião nossa. O habito de nunca julgar, de nunca estabelecer um juizo definitivo, nos expõe, ou a abraçar todas as opiniões, ou a rejeital-as todas; nos leva á mais exagerada credulidade, ou ao scepticismo.

A primeira condição do methodo é pois estudar a natureza humana no individuo por meio da consciencia antes de estudal-a na humanidade por meio da historia. São indispensaveis estes dois estudos; coadjuvão-se e fortificão-se mutuamente. Deve-se julgar da historia por meio de uma philosophia já estabelecida, e verificar por sua vez esta philosophia por meio da historia. Não nos devemos porem illudir; fugindo de um perigo facilmente podemos cahir em outro; porque nada mais facil do que, tendo fixado ideas sobre qualquer respeito, não podermos ao depois julgar com rectidão de quaesquer outras sobre o mesmo objecto. As opiniões anticipadas tem o inconveniente de produzir a parcialidade, e de tornar menos comprehensivel a intelligencia dos factos. Devemos pois proceder sempre munidos

contra este perigo, e levados de uma forte vontade de
adquirirmos novos conhecimentos.

Importa determinar a ordem dos nossos estudos.

Podemos seguir a ordem dos tempos, ou a ordem das
ideas. Se seguirmos a ordem dos tempos, o espirito in-
cessantemente salta de uma escola empirica a uma scep-
tica, vê-se obrigado a abandonar um principio para ir
examinar outro, cujo estudo tãobem não concluirá, por
que tem de seguir as ideas conforme os tempos, em que
se manifestárão.

Se seguirmos a ordem das ideas, facilmente nos enga-
naremos sobre a causa dos successos que estudamos, pois
ignoramos os outros systemas comtemporaneos, e ser-
nos-ha impossivel fazer uma idea da marcha do espirito
humano; pois para seguir uma idea teremos muitas vezes
de saltar de um philosopho antigo para um moderno.

O meio de remediar estes inconvenientes é dividir a
historia em epochas principaes, que sejão sufficientemente
dilatadas para que o pensamento humano se possa de-
senvolver, e sufficientemente curtas para que o espirito de-
pois de haver estudado uma escola até ao fim da epocha
volte sem grande transição de tempo para o estudo das
outras escolas comtemporaneas.

Determinadas as epochas, classificaremos as suas esco-
las, procedendo sempre pela inducção e não pela hy-
potheso. A ordem dos factos será seguida com rigor, prin-
cipiando-se por descrever os caracteres geraes da epocha,
cujas escolas se estudão. Os successos notaveis, o esta-
do da civilisação, os habitos e as crenças populares não
devem ser esquecidos. Depois veremos quaes as escolas
comtemporaneas e rivaes, qual a sua influencia recipro-
ca; o que cada uma tiver bebido das outras. Depois
passaremos ao proprio da escola, procurando estudal-a,
seguindo o mesmo caminho que os seos chefes, nos es-
quecendo das nossas ideas e abstendo-nos de toda a cri-
tica prematura. Feito isto confrontaremos esta doutrina
com a das outras escolas e com as nossas ideas, e de-
duziremos o seo valor real. Este methodo, que acaba-
mos de expor, chama-se *eclectismo*.

PONTO LXXXVIII.

Em quantas epochas geraes se pode dividir a historia da philosophia.

Qual a natureza, qual a origem, qual o destino do homem, eis o fim que a philosophia se propõe estabelecer por meio da sciencia. Importa pois ao philosopho indagar quaes os systemas, que forão estabelecidos e como o forão. As crenças pertencem á historia geral. Uma cousa é pensar e sentir que se pensa, outra o pensar e reflectir sobre o pensamento. No primeiro caso apenas se tem uma idea confusa ; no segundo conhece-se, ha uma idea clara, distincta Ora nos primeiros tempos os homens se limitárão a pensar ; no seo decorrer é que principiárão a reflectir. Desde o momento em que o homem reflectio, em que elle se estudou por meio da consciencia e razão, houve philosophia e portanto a historia começa nessa occasião.

O berço da civilisação foi no Oriente e d'ahi podéramos começar a estudar a philosophia, se o caracter das doutrinas, que reinárão no Oriente nao fosse antes religioso. Do Oriente tirárão os gregos a lingua, as artes, a religião e todos os elementos de seo desenvolvimento; mas o methodo realmente, e portanto a philosophia, nasceo na Grecia : e se tudo o que é grego tem a sua origem no Oriente, a philosophia pelo menos deve ser exceptuada.

Pretendeo-se que a philosophia grega devia ser attribuida ao Oriente, por terem sido do Oriente os primeiros colonos gregos e continuar a influencia dessa parte do mundo por meio das viagens ; mas é preciso lembrar que seculos se passárão entre a colonisação da Grecia e a fundação das escolas philosophicas, e que não havião no Oriente methodos a transmittir.

A mythologia grega, provinda da India, deo lugar, originou de uma maneira indirecta a philosophia. A's rudes e informes divindades do Oriente substituio a Grecia imagens nobres e cheias de graça, representando os deoses sob a figura do homem, no que de mais perfeito tem ella. A' medida que isso fizerão, as imagens dos deoses deixarão de trazer ao espirito a idea do infinito,

ao mesmo tempo que erão proprias a inspirar o artista.

O polytheismo não podia pois levar ao principio unico das cousas; o monotheismo quasi não existia, sendo a superioridade de Jupiter sobre os outros deoses uma idea posterior.

A religião pois que existia era insufficiente para satisfazer o espirito, e o espirito buscou novas soluções. Os seos primeiros esforços não forão logo coroados de exito. Não parecem remontar alem de Homero, e só em Hesiodo é que delles se trata pela primeira vez. Orpheo, Lino, apenas nos deixarão os seos nomes. A estes esforços se deveria juntar algumas opiniões sobre a vida futura, a metempsychose, o chaos.

Forão Thales e Pythagoras os primeiros que tentárão resolver scientificamente o problema philosophico. O movimento determinado por estes dois philosophos propaga-se em toda a Grecia, augmenta com a civilisação, e, soffrendo as alternativas desta, com ella acaba no fim do sexto seculo da nossa era, tendo durado doze seculos. O christianismo, que já existia ha seculos por meio dos seos dogmas e da sua moral, e a reacção contra a authoridade absoluta que havia tomado sobre os

espiritos, produzirão uma philosophia menos original e menos fecunda, conhecida pelo nome de escolastica; emfim a independencia do pensamento, a necessidade de descobertas, abalou a escolastica ao correr da segunda metade do decimo quinto seculo e no decimo sexto. Bacon e Descartes fundárão a philosophia moderna no despontar do decimo setimo seculo.

Portanto, bem como a historia do mundo, a historia da philosophia se divide em trez epochas principaes: a philosophia antiga ou grega; a philosophia da idade media ou escolastica; e a philosophia moderna.

PONTO LXXXIX.

Philosophia grega. Principaes escolas antes de Socrates.

Comprehende a historia da philosophia grega tres partes bem distinctas. Na primeira a curiosidade do homem tenta tudo explicar, fundando-se em hypotheses gratuitas, e finalmente cahe no scepticismo. Estende-se de Thales a Socrates e dura dois seculos. Na segunda apparece Socrates levantando-se contra o scepticismo sem base, que se apoderára da philosophia, e reconhece a origem do mal n'uma desmedida ambição, na ausencia de methodo e na absoluta ignorancia das condições da philosophia. Delle nascem duas escolas, que, mutuamente se combatendo, vem a ser a origem do eclectismo. E' o segundo periodo que começando em Socrates chega á fundação da escola de Alexandria. Por fim esta ultima escola eclectica e mystica fecha a philosophia grega e extingue-se sob Justinianno no sexto seculo depois de J.—C.

De Thales a Socrates.— No principio da philosophia duas escolas se levantárão, a dos physicos e a dos racionalistas, em razão da luta dos sentidos com a razão. Os physicos a explicão pelas propriedades geraes da materia, e os pythagoricos exaltando o idealismo, e diminuindo a realidade dos corpos. Os primeiros buscão a origem do mundo no mundo: os segundos fóra delle. Tanto para uns como para outros este principio é unico, persistente. Ora estes principios unicos são a substancia e a lei. Os physicos achão no mundo a sua mesma substancia. Os especulativos achão acima do mundo as leis, que o regem, e acima destas Deos, cuja unidade as explica.

Physicos. — A escola Jonica foi fundada por Thales de Mileto 600 annos antes de J.—C. Segundo os physicos a substancia é capaz de produzir os phenomenos. Uns dão á substancia elementar o caracter de um germen, d'uma seiva, outros recorrem aos atomos. Neste sentido os Jonios considerárão successivamente o ar, o fogo, e a agua, como o germen, o elemento de todas as cousas. Thales pensava ser a agua este germen; Anaximandro o infinito; Pherecyda, Anaximenes e depois Diogenes d'Apollonia tomavão o ar pelo primeiro principio. Leucippo

e Democrito d'entre os physicos forão os que fundárão a escola atomistica, o que na realidade era já um progresso. Necessario era porem explicar como se movem os atomos e qual a razão de sua diversidade; para isso se lançou mão das forças de affinidade e de repulsão. Personnificando estas forças, Heraclito reconhece um principio sensivel e Anaxagoras um principio intelligente.

Pythagoricos. — A escola italica foi fundada por Pythagoras, nascido em Samos em 584 antes de J.—C. A escola d'Eléa, cujos fundadores forão Xenophanes e Parmenides, não differe da italica, se não porque exagera o seo principio. Os pythagoricos procurão a unidade das leis, e não a unidade da substancia; desprezão a realidade dos phenomenos e só attendem ás suas condições. Se estas condições são sempre as mesmas, são os phenomenos constantes, regulares e podem-se exprimir por leis. As leis são abstractas, são os numeros; só elles são fixos, permanentes; são a razão e a causa das leis. Por isso affirmavão elles que só os numeros tinhão existencia real. Mas os numeros se reduzem a outros numeros, formão um systema regular, dependendo todos da unidade, donde todos nascem. A uni-

dade é pois a realidade por excellencia, seguem-se os dez primeiros numeros, e a estes os outros e por ultimo os phenomenos. Esta escola se fez notavel pelo seo caracter d'unidade e regularidade. Dava certa infalibilidade a Pythagoras e estabeleceo o *magister dixit.*

Pythagoras considerava a alma humana como uma porção da intelligencia divina; a alma era pois universal como a sua origem; mudava porem de lugar e assim passava do corpo do homem ao do bruto, e do de um bruto para o de outro, conforme sua conducta durante a vida: esta é a theoria da *Metempsychose.*

A escola d'Eléa só deo realidade aos numeros, negando-a absolutamente dos phenomenos. A pezar de negar o mundo material esta escola foi notavel por ter tido uma idea bastante clara da unidade e perfeição divinas.

Empedocles formulou uma doutrina, que pode ser considerada como uma transacção entre os physicos e os eleatenses. Sua moral é austera. Explica a origem da substancia pelos quatro elementos; o ar, a agua, o fogo e a terra, que se regem pela concordia ou pela discordia. Acredita em um ser divino.

Os physicos cahirão no scepticismo e os especulativos

na negação da materia. Donde se originárão disputas, que desacreditárão a philosophia. Reinárão então os sophistas, cujos chefes forão Gorgias e Protagoras. Foi nesta occasião que appareceo Socrates.

PONTO XC.

Socrates: caracter da revolução por elle operada na philosophia.

Quando Socrates appareceo reinava uma escola de physicos, que, desprezando o methodo da observação, negava a realidade dos phenomenos e substituia á experiencia hypotheses temerarias; reinava uma escola de idealistas, que se concentrava na contemplação do absoluto, depois de ter sacrificado a realidade da materia; uma escola de sophistas, que espalhava o scepticismo, e que sem crenças, sem doutrinas, sem costumes, e sem consideração, fazia da philosophia um officio, sustentando alternativamente o erro e a verdade; sendo que até então pouco se havia dito sobre moral.

Socrates impavido e sem temor guerreou as ideas reinantes e a marcha dos philosophos; estabeleceo como base da philosophia o *nosce te ipsum* — conhece a ti mesmo —, poz o methodo da observação em voga, es-

cudou as mais importantes verdades contra o septicismo ; marcou um fim pratico ás indagações. Socrates é caracterisado por sua modestia : não pretendia conhecer a verdade e por toda a parte confessava que só sabia que *nada sabia*. Em suas conversaçoes se mostra sempre cheio d'admiração pelo saber do seo contendor. Porem esta admiração era ironica ; por quanto pouco a pouco o embaraçava e o reduzia ao silencio.

Este caracter tem summa importancia ; porque em lugar de confiar nas soluções , que tem formulado , a philosophia trata de examinar qual o verdadeiro estado das suas forças.

O segundo caracter da revolução operada por Socrates é a sua moral pura e serena ; e Socrates a espalhou pela palavra e pelo exemplo. Suas maximas nobres e doces, uma vida inteira consagrada publicamente á pratica de todas as virtudes e terminada por uma morte sobre modo heroica, forão sufficientes para restabelecer o credito da philosophia , que tanto se depreciára pelas disputas philosophicas antecedentes.

Tomando por baze da philosophia o espirito humano e não a natureza, Socrates deo á psychologia a importancia que merece.

« Procurar a verdade com ardor e sinceridade ; fazer desta profissão , desrespeitada pelos sophistas , a mais nobre e respeitada ; tirar á philosophia o caracter poetico e aventureiro, que lhe derão os primeiros pensadores, para a constituir uma verdadeira sciencia ; chamar a attenção para os methodos e entre elles marcar ante tudo o de conhecer as faculdades, que se vão empregar, o de verificar sua legitimidade, e aquilatar a sua força ; eis a revolução operada por Socrates » conforme se exprime o Sr. Julio Simon,de cuja obra extractamos grande parte das ideas consignadas nesta ultima divisão da philosophia.

Socrates reconhecia a existencia de um Deos, author do mundo e seo conservador, e a de deoses inferiores, que erão exemptos das fraquezas humanas e participavão de parte da authoridade divina. Em politica opinava por uma aristocracia moderada e censurava a eleição dos magistrados pela sorte. Valerão-lhe estas duas cousas inimigos, que o fizerão condemnar a beber a cicuta 400 annos antes de J.— C.

Para convencer Socrates não empregava grandes discursos ; conversava simplesmente. Quando se tratava de um sophista, por meio de perguntas e respostas o fa-

xia expor as suas ideas e o levava por ellas mesmas a reconhecer o absurdo dellas, occultando a sua forte dialectica sob uma apparente benignidade. Tal era a sua *ironia*. Se queria demonstrar um principio, de tal arte dirigia a conversação, que levava aquelle a quem se dirigia a achar o principio como por si mesmo. Alludindo a isto, a si appellidava partejador dos espiritos.

Platão e Xenophonte, seos discipulos, nos transmittirão as suas doutrinas.

Socrates nasceo em Athenas 470 annos antes de J.— C. e morreo com 70 annos de idade.

PONTO XCI.

Escolas gregas, que reinárão de Socrates a Augusto. Academia : Lyceu.

Nove são as escolas que se succedêrão de Socrates atè Augusto. São a Academia, o Lyceu, o Cynismo, a Escola de Cyrene, a de Mégara, o Epicurismo, o Estoicismo, a media e a nova Academia.

Academia. — Esta escola foi fundada por Platão e tira o seo nome do jardim, em que ensinava a sua doutrina. Platão toma por ponto de partida da philosophia a observação dos factos ; faz das ideas o seo objecto, ideas que nada mais são que os universaes, as leis ; e emprega por methodo a dialectica. Considera a alma humana como dotada de duas grandes faculdades ; a de sentir e a de pensar que encerra o entendimento e a razão. As ideas para elle são noções eternas necessarias e immutaveis ; não reconhecem principio, antes são a origem e o typo de todas as cousas ; são

innatas, com quanto permanecção como que occultas emquanto a razão não as percebe.

Platão funda sua moral na idea de perfeição. Applicar-se á perfeição, reprimir os sentidos, harmonisar-se com a vontade divina, eis qual é a regra do conducta do homem. E pois que cidadão é o homem e o estado um complexo delles, força é que o estado seja submisso ás mesmas leis, e que sua unidade seja um resultado da vontade, dominada por um poder soberano, que outro fim não tenha senão o direito.

Nasceo Platão 430 antes de J.—C. na ilha d'Egina e morreo em 347. Seos successores forão Speusippo, seo sobrinho, morto em 339, Xenocrates de Calcedonia morto em 314 antes de J. — C. e successivamente Polemon, Crates e Crantor.

Lyceu. — Opposta é esta escola á precedente, pois Aristoteles, seo fundador, é considerado chefe da philosophia experimental, emquanto Platão o é do idealismo. Preciso é porem não nos enganarmos, ambos elles tiverão em conta todas as condições do problema philosophico; verdade seja que cada um segundo sua predilecção. Assim nem Platão desprezou a experiencia, nem Aristoteles se limitou aos sentidos.

Enganou-se Aristoteles sobre a doutrina de Platão, assim como se enganárão sobre o alcance da sua. Considera Platão as ideas como typos universaes, que pela generalisação dão lugar a outros. Aristoteles só admitte estes ultimos, e bate a Platão como se elle pensasse sobre estes ultimos como sobre os primeiros.

Combatendo a parte chimerica da doutrina de seo mestre, respeitou as noções dadas pela razão, mas seos successores pensárão que em tudo elle tinha destruido as doutrinas do mestre.

Aristoteles reconhecia a existencia da razão e de suas leis e muito se preoccupava com os dados experimentaes. Pretendeo-se que fizera um uso exclusivo do methodo deductivo; mas em seos livros tratou da inducção e mostrou que a observação psychologica não lhe era desconhecida. Genio systematico, reduzio todos os nossos conhecimentos a dez origens, que chama categorias e são: a substancia, a quantidade, a qualidade, a relação, a acção, a paixão, o lugar, o tempo, a situação e a posse. As ideas dellas derivadas se collocão em cinco classes universaes; os generos, as especies, as differenças, os proprios e os accidentes. Segundo elle a alma é distincta do corpo, mas insepara-

vel. Possue a faculdade nutritiva, a sensitiva e a intelligencia, que pode ser passiva e activa. A primeira morre com o corpo, a segunda é immortal. O mundo é eterno, porem precisa de um primeiro motor immovel, que é intelligente e goza a suprema felicidade. Sua moral é fundada na idea de felicidade e não na de dever.

Sua escola teve o nome de peripatetica, porque era passeando que ensinava a sua doutrina.

Nasceo em Stagyra 384 antes de J.—C, seguio durante 20 annos as lições de Platão, e fundou a sua escola em 334, morreo na Eubéa em 322. Succedeo-lhe Theophrasto. Entre os peripateticos se numerão Dicearco, Aristoxenes o musico, ambos materialistas, Heraclito de Ponto, Straton de Lampsaco e Demetrio de Phalero.

PONTO XCII.

Cynismo: Escola de Cyrene: Epicurismo.

Cynismo. — O fundador do cynismo foi Antisthenes, que viveo pelos annos 380 antes de J.—C. e foi discipulo primeiro do sophista Gorgias e depois de Socrates. Considerou a virtude como o soberano bem do homem e como unica necessaria. Consiste a virtude em seguir-se a natureza, que com pouco se contenta. Tudo para Antisthenes erão vãas subtilezas, por isso tudo desprezava; um simples manto e um bastão eis toda a sua riqueza junto com um alforge para o alimento e um vaso para agua. Socrates encontrando-o, lhe disse uma vez: « A travez dos buracos de teo manto, ó Antisthenes, estou vendo a tua vaidade. » Diogenes e seos discipulos exagerárão sua doutrina, o que levou a chamar de cynismo ao systema e de cynicos os sectarios.

em referencia ao cão, nomo com que a si proprio se designava Diogenes.

Escola de Cyrene. — Aristippo, de Cyrene na Africa, viveo 380 antes de J.—C., foi discipulo de Socrates. Applicou-se á moral. A sua escola ensinava que o homem só pode conhecer por meio das sensações, e portanto só ellas lhe podem servir de regra para conhecer a verdade; que seo unico fim é ser feliz; que todas as suas acções para isso tendião, sendo que praticando a virtude, só o faz por interesse. Comquanto a virtude não fosse separada da felicidade, comtudo só lhe dava gráo secundario. Os discipulos desta escola reduzirão tudo ao prazer.

Aretéa, Aristippo Metrodidacto, Theodoro o atheo, Hegesias, &c., seguirão estas doutrinas com mais ou menos modificação. Os cynicos davão alguma força n'alma, com quanto cahissem na extravagancia; os cyrenaicos ao contrario se degradárão. A escola de Cyrene resolveo-se por assim dizer no epicurismo.

Epicurismo. — Desceo das altas regiões da metaphysica ás indagações da philosophia moral, e deo á philosophia um caracter essencialmente pratico. Não é possivel desprezar os principios sem degradar a sciencia:

nos principios é que se contem as applicações e estas sem aquelles não tem pezo, nem solidez.

Comtudo Epicuro não pôde deixar de estribar a sua moral em alguma cousa; fez prolegomenos a respeito da natureza do espirito humano e a respeito da metaphysica sob os nomes de *canonica* e de *physica*. O mundo é constituido por atomos, que continuamente emanão dos corpos, que por elles são formados. A acção destes atomos em contacto com o corpo produz a sensação. Esta causa prazer ou pezar, dá lugar á percepção sensivel, donde vem todas as nossas ideas. As ideas são fortuitas e nada tem de absoluto.

Não admitte Deos. Se nelle falla, é por não ir de encontro com as ideas recebidas e não tornar sua escola odiosa. A alma é formada de atomos mais finos e delicados, redondos, de fogo, ar e luz. Para explicar a sensação admitte atomos de uma natureza particular, que não podemos comprehender. Como materia, mortal é a alma.

Sem idea de uma vida futura, sua moral não podia ter um fundamento solido. Quanto a elle repellir a pena e buscar o prazer, eis o que se deve praticar. E pois que não ha prazer sem alguma mistura de pezar, es-

força-se Epicuro por estabelecer entre os prazeres uma sorte de gradação, tomando por base sua intensidade unida á sua certeza. Recommenda pois o prazer do repouso pela repressão das paixoes e pela prudencia e habilidade, que se deve ter, isto é, pela virtude; mas a virtude não é virtude, quando a praticão com vistas interesseiras.

Grande habilidade é impossivel negar aos epicuristas: rigorosamente deduzirão das ideas que estabelecerão as consequencias nellas contidas. Epicuro, nascido em 341 antes de J. — C., combinou a moral de Aristippo com a doutrina de Leucippo sobre a metaphysica, Succedeo-lhe Hermaco e a este Polystrato. Numerão-se como discipulos seos Metrodoro, Apollodoro, &c.

PONTO XCIII.

Escola de Mégara: Estoicismo: media e nova Academia.

Escola de Mégara. — Euclides, que florecia pelo anno 400 antes de J. — C., foi discipulo de Socrates, e fundou a escola de Mégara. Occupou-se mais com subtilezas logicas do que com a sciencia dos costumes. Seo principal caracter é sua dialectica, que fel-a chamar *eristica* (disputadora). Eubulides seo successor é afamado pelos seos sophismas. Eis uma dellas:

> Se dizeis que mentis e fallais verdade, mentis;
> Ora dizeis que fallais verdade
> Logo mentis.

Estoicismo. — Do mesmo modo que os epicuristas deixárão os estoicos as altas regiões de philosophia e a rebaixárão, só tratando da moral. Por muito tempo reinárão apezar dos seos erros e contradicções, não sendo

possivel deixar de admirar a nobreza de muitos de suas maximas e a grandeza de muitos de seos exemplos.

Adoptão por prolegomenos a *physiologia* e a *logica*.

Tudo para os estoicos vem da sensação : a elles pertence o celebre *nihil est in intellectu, quod non priùs fuerit in sensu*. E' o espirito uma taboa raza, onde imprimem os sentidos os seos caracteres. Os estoicos não deixão de reconhecer a razão ; mas ella é subordinada aos sentidos. As partes constituintes do mundo tem acção mutua, donde um encadeamento eterno e necessario de causas, donde o destino, o *fatum*. No mundo entrão o elemento passivo ou a substancia e o elemento activo, razoavel ou Deos.

Em razão do *fatum*, deve o sabio receber tudo inabalavelmente ; no seio das desgraças, no meio do disturbio universal das cousas, deve permanecer sempre o mesmo. *Sacrifica tudo ao dever, segue a natureza*, eis maximas que professão. Só a virtude é um bem e só o vicio é um mal. Tudo o mais é apenas dôr ou prazer.

Zenão 340 annos antes de J. — C. fundou o estoicismo. Succederão-lhe Cleandro e depois Chrysippo. Passou emfim esta escola para Roma, onde a seguirão Seneca, Epicteto, Arriano e Marco Aurelio.

Media academia. — Os epicuristas e os estoicos havião tirado á philosophia seo caracter especulativo, limitando-se a uma doutrina de moral pratica; e a escola platonica tinha cahido na indifferença por desconfiar dos methodos, e se tinha applicado a mostrar a impossibilidade da demonstração. Nestas circunstancias Arcesiláo, tendo de soffrer os rudes embates dos estoicos contra a philosophia peripatetica como chefe da escola, foi levado a pôr em duvida o criterio da verdade, e portanto, apezar de não ser esta sua intenção, deo á escola uma tendencia bastante pronunciada para o scepticismo. Chegou mesmo a negar a realidade objectiva dos nossos conhecimentos. Só conservou a moral sob a idea do dever, como revelando certa sabedoria no espirito dos que o seguião.

Arcesiláo nasceo 318 ou 316 annos antes de J. — C.

Nova academia. — Carneades, seo fundador, admittia a verdade como duvidosa, incerta por tal maneira que possivel não era reconhecel-a, e que não havia criterio para a verdade objectiva. Seo scepticismo limita-se ao probabilismo, rejeitando não só o dogmatismo positivo, como o negativo. Carneades teve grande habilidade em defender o pró e o contra. Delle disse Cicero : « Nullam

unquam in illis suis disputationibus rem defendit, quam non probarit; nullam oppugnavit, quam non everterit. »

Nasceo em Cyrene na Africa em o anno 215 antes de J. — C., morreo em 130. Clitomaco foi seo successor. Seguirão-se Philon de Larissa e Antioco d'Ascalon, que voltárão um pouco para o dogmatismo.

PONTO XCIV.

Escolas gregas, que existirão desde Augusto até á escola de Alexandria.

Estas escolas são em numero de cinco : o Eclectismo, a Theosophia ou Mysticismo, o Neo-Platonismo, o Scepticismo ou Empirismo e a escola dos Padres da Igreja.

Eclectismo. — Potamon foi o primeiro que lançou os fundamentos do eclectismo, syncretismo, ou philosophia composta das melhores opiniões de cada seita. Dois criterios existem segundo elle, que residem nas faculdades de julgar e de perceber. Quatro são os principios que admitte : a materia, a causa efficiente, a qualidade e o lugar. Quanto á moral a baseava na virtude sem excluir os bens physicos.

Novo scepticismo ou empirismo. — Este systema conhecido pelo nome de pyrrhonismo, do nome de Pyrrhon, que o estabeleceo, foi fortalecido por Enesidemo, que

o revestio de uma precisão, que até então não tivera. Valendo-se de todas as formas do scepticismo, punha em duvida todas as condições do conhecimento, invertia depois a theoria da demonstração, tornando impossivel a sciencia, problematica toda a applicação do espirito. Destruia a noção, e derrocava a moral. Enesidemo ensinou na Alexandria pelo principio do primeiro seculo da era christãa.

No principio do segundo seculo Sexto Empirico marcou o fim e o methodo do pyrrhonismo. Consiste elle na arte de pôr em opposição, no que tem de contradictorio, as imagens e as ideas para suspender todo o juizo. A passo que exigia a demonstração da verdade, mostrava a impossibilidade desta demonstração, pois nada ha certo. Nada houve que não desfizesse com tal systema.

Theosophia ou mysticismo. — Aristobulo e Philon, philosophos judeos da escola de Alexandria, fundárão a theosophia. Philon quiz conciliar a mythologia grega com os livros sagrados, Platão e Pythagoras com a escriptura. Existe um mundo intelligente e um sensivel formado segundo um typo ideal, invariavel, coeterno a Deos. Esta idea está personnificada no *Verbo*, que emana de Deos.

Nasceo Philon alguns annos antes de J. — C. e delle se dizia: *Aut Plato philonizat, aut Philo platonizat.*

Neo-Platonismo. — Ammonius Saccas emprehendeo no segundo seculo conciliar o platonismo com o mysticismo do Oriente, o que executárão Plotino (205), Porphiro (233), Jamblico e Proclo (412). Estes philosophos constituirão a escola d'Alexandria. E' uma escola eclectica, onde predomina bem depressa o mysticismo, de sorte que muito se occupa da theodicéa. E' Deos o principio unico, absoluto, indivisivel, de todas as cousas. A intelligencia emana delle como a luz do sol e por isso é eterna. Da intelligencia provem a alma, que anima o mundo. O principio unico, a intelligencia e a alma constituem a trindade alexandrina. O primeiro é mais perfeito que a segunda e esta que a terceira: todos trez são coeternos. O mundo contem um grande numero de deoses pertencentes ao intelligivel; abaixo destes outros existem sujeitos ás paixões, e servindo de passagem para o homem.

O conhecimento provem da sensação, dos primeiros principios, e de uma operação particular o *extase*, pelo qual na alma se produz e que está em

Deos. Daqui os sonhos, a advinhação, os auguros, a magica, a theurgia.

Philosophia dos Padres da Igreja. — Versados erão na philosophia profana Athenagoras, S. Justino, Origenes, Lactancio, S. Agostinho, &c. S. Clemente d'Alexandria buscou mostrar a excellencia do christianismo e sua conciliação com o platonismo. Seguirão outros Padres a mesma estrada, até que sob Justinianno a religião christãa separou-se da philosophia grega.

PONTO XCV.

Escolastica. Primeira epocha.

Vimos porque modo a philosophia grega surgio da theologia pagãa, principiando por timidos ensaios. A philosophia moderna tãobem partio de ideas theologicas, e a escolastica é o primeiro passo para a independencia da philosophia. A religião christãa havia triumphado da antiga civilisação e fechára as portas das escolas gregas. Dominou os espiritos; mas estes, seguindo sua natural tendencia, se libertárão, e exercêrão sua razão no exame philosophico com tanta maior força, quanto mais fortemente forão subjugados. A religião christãa dava segurança e força, fructos de uma fé inabalavel no que diz respeito ao futuro; mas não alimentava a actividade do espirito. E pois a philosophia d'então, isto é, a escolastica, timida e submissa, nasceo no tempo de Carlos Magno. Consagrou cega obediencia á Igreja.

Cahio com a idade media e com o nascimento do espirito moderno pouco a pouco se emancipou.

Sob Carlos Magno apenas era uma simples forma, um pouco mais livre do que a theologica; mas forma-se insensivelmente a ponto de por fim rejeitar a escolastica. No 15.° e 16.° seculo tenta livremente renovar as doutrinas e os methodos da Grecia, e no 17.° é emancipada por Bacon e Descartes.

Trez epochas são as da escolastica: subordinação absoluta á theologia; alliança da philosophia e da theologia; principio de uma separação que definitivamente se estabelece com a philosophia moderna.

Primeira epocha. — Neste tempo se explicou as verdades da fé pelas luzes naturaes; não se tentou descobrir a verdade; apenas se limitou ao methodo de ensino. Só temos pois que estudar a forma, pois as ideas estão na theologia, cuja baze era a authoridade da Igreja, das escripturas, a tradição dos S.S. Padres, sobretudo dos latinos, primando entre elles S. Agostinho. Donde algumas analogias das ideas reinantes com as de Platão; porquanto S. Agostinho delle as bebêra. Pelo que diz respeito á forma philosophica consistia em alguns escriptos de Mamert (477), de Marcianno Capella (474),

de Boecio (470), de Cassiodoro morto em 575, de Izidoro, bispo de Sevilha morto em 636, e do veneravel Beda, n. em 673 e m. em 735. O syllogismo em todo o seo rigor era applicado ás ideas do christianismo e de S. Agostinho.

O inglez Alcuino, encarregado por Carlos Magno de organisar as escolas, deo o primeiro impulso á escolastica. João Scot depois delle só reconheceo uma sciencia, a theologia. S. Anselmo inglez, mais inspirado e mais lucido, mereceo o nome de segundo S. Agostinho. Os italianos Lanfranc e Pedro Lombard e o francez Abelard reproduzirão as mesmas ideas. Principiárão por este tempo as questões dos realistas e dos nominaes.

Professavão os nominaes que aos termos geraes não correspondião realidades; estas só correspondião aos individuaes; que os termos geraes erão puros nomes. Esta doutrina foi condemnada por um concilio e ensinada pelo escolastico Roscelin.

Os realistas professavão que aos universaes correspondião realidades, uma certa natureza subsistente por si mesma, distincta não só do espirito que a concebe como dos individuos em que reside.

Approvada pela Igreja foi esta doutrina ensinada por Guilherme de Champeaux, mestre de Abelard reputado author do conceptualismo, que admitte que aos universaes correspondem ideas necessarias.

Abelard nasceo em 1079 e morreo em 1142. Sua importancia está em seo apego á logica e ao direito de demonstrar, e desse modo, sem o querer, formou da philosophia um poder rival da religião; eis a razão porque contra elle se armou S. Bernardo. Um methodo foi o que elle estabeleceo. Em Abelard não ataca S. Bernardo o nominalista, o conceptualista; ataca o logico. S. Bernardo conheceo o perigo de deixar a razão tomar conta á theologia; elle sabia que se a dialectica triumphasse, por terra havia de jazer a escolastica. Foi Abelard o precursor e o martyr da liberdade de pensar.

PONTO XCVI.

Segunda epocha.

Cultivárão os Arabes a philosophia na epocha antecedente. Seo espirito ardente e subtil era o mais proprio para se enthusiasmar pelo mysticismo da escola d'Alexandria e abraçar o systema aristotelico. Uma logica subtil unida a ideas mysticas tal é o caracter da philosophia dos Arabes. Entre os philosophos arabes se notão Avicena, Al-Gazali, e Averrhoes. Professárão os Arabes em Bagdad e em Cordova. Desta escola é que os livros d'Aristoteles passárão á França e outras partes da Europa e produzirão uma revolução com a sua introducção; pois até então dos livros de Aristoteles só se conhecia o *Organum*.

Na occasião de sua introducção não podia deixar de triumphar Aristoteles, por quanto as obras de Platão não

erão conhecidas, e mesmo que o fossem, a independencia e liberdade da razão e do methodo não convinhão ás tendencias da theocracia, e assim por não parecer perigoso foi Aristoteles universalmente acceito pela Igreja. Alem do franciscano Alexandre de Hales, *Doctor irrefragabilis*, de Guilherme de Auvergne, Bispo de Paris, e do dominicano Vicente de Beauvais, trez nomes se apresentão como de homens superiores. São elles Alberto o Grande, nascido na Suabia em 1193 ou em 1205, dominicano e morto em 1280; S. Thomaz de Aquino, *Doctor angelicus*, nascido em Napoles em 1227 e morto em 1247, dominicano, e Duns Scott, *Doctor subtilis*, nascido na Irlanda ou na Escocia em 1274, e morto em 1308, franciscano.

A erudição d'Alberto era extrema, conhecia o grego, o hebreo, e talvez o arabe e foi um ardente propagador das doutrinas, que se ião disseminando pela Europa. Seo grande titulo de gloria é sua erudição, não só porque era nova, como porque o fazia prestar um serviço verdadeiro. Os conhecimentos theologicos, philosophicos, de alquimia, não lhe forão estranhos. Se nada produzio que lhe fosse proprio, nem por isso fez menor serviço ao progresso da intelligencia humana.

S. Thomaz d'Aquino, com quanto tivesse menos erudição do que Alberto o Grande, foi notavel por ser um philosopho profundo, um pensador eminente. Occupando-se sobremaneira da metaphysica e da moral, estudou e analysou quaes os principios, donde ellas emanão; verdadeiro amante da verdade não se contentou com uma rapida analyse, profundou, e de uma maneira rigorosa, por uma deducção necessaria, mostrou as consequencias desses principios, dando assim á philosophia que professava um caracter de grandesa mui particular. Na *Summa theologia*, que é uma verdadeira encyclopedia dos conhecimentos humanos no seculo 13.°, se nota este caracter. Seo commentario sobre a *Metaphysica* de Aristoteles pode-se ler, não só pela instrucção que se colhe, como pela profundidade, que se admira.

Cooperou Duns Scott com S. Thomaz a dar firmeza e exactidão á philosophia. Foi um racionalista esclarecido, quando tratou da origem dos conhecimentos humanos, o que bem demonstra que não é o sensualismo a consequencia das doutrinas Aristotelicas. S. Thomaz fundava o bem, a creação, &c., na natureza de Deos, não na sua vontade, verdade seja que considerava Deos livre. Pelo contrario sustentava Duns Scott que Deos por sua

vontade estabelecêra a lei moral e creára o mundo instituindo leis geraes, que reconhecião por principio sua vontade, não sua natureza. Nasceo da primeira destas opiniões a escola dos thomistas seguida pelos dominicanos, e da segunda a escola dos scottistas seguida pelos franciscanos. Estes ultimos contribuirão de algum modo para a emancipação do espirito humano, não erão realistas; não assim os dominicanos, que sempre penderão para a authoridade e para a resistencia e erão nominaes.

PONTO XCVII.

Terceira epocha.

Figurão nesta epocha Raymundo Lulle, *Doctor illuminatus*, nascido em Palma em 1235, morto lapidado aos 80 annos; Rogerio Bacon, *Doctor mirabilis*, (1214 — 1292 ou 1294); Guilherme d'Occam, *Doctor singularis*, *invencibilis*, nasceo em 1147; João Charlier Gerson (1363—1429).

Raymundo Lulle, espirito ardente e inquieto, dialectico ousado e infatigavel, excitou os espiritos, sem fundar cousa alguma grande. Inventou sob o nome de *arte universal* um mecanismo dialectico por meio do qual se achava a solução de todas as questões scientificas em tal ou tal circulo pela distribuição e classificação de todas as ideas do genero. Esta arte é de algum modo para as ideas o que é a taboa de Pytha-

goras para os numeros. Julgou haver recebido do céo uma arte especial de converter os inficis.

Rogerio Bacon foi um homem extraordinario, que excitou a admiração dos seos contemporaneos pelos seos conhecimentos nas sciencias mathematicas e physicas e nas linguas. Deixando de parte as subtilezas, entregou-se a experiencias e observações, que o dirigirão para felizes descobertas. Comprehendeo a theoria do telescopio e a da polvora. Os franciscanos reprimirão o desenvolvimento de suas doutrinas.

A questão dos universaes occupou esse periodo. A sentença proferida contra Abelard fizera vingar o realismo, tanto mais quanto S. Thomaz e Duns Scott tinhão chegado a um accordo a este respeito.

Foi neste estado de cousas, e quando principiava o 14º seculo, que Guilherme d'Occam, franciscano scottista, tomando a peito o nominalismo, suscitou de novo disputas. Deve-se notar que o nominalismo nunca appareceo sem ser acompanhado de uma insurreição contra a authoridade dominante, eis porque tantas perseguições soffreo. Professavão esta doutrina os espiritos independentes. D'ahi o descredito do syllogismo e da escolastica. Reappareceo depois o mysticismo, pelo mes-

mo modo que se seguira ao espiritualismo e ao sensualismo.

Conta-se que Occam, defendendo Luiz de Baviera contra o papa João XXII, escrevêra ao primeiro : *Tu me defendas gladio, ego te defendam calamo.* — Defende-me com a espada e eu te defenderei com a penna.

Contra a sua doutrina se reunirão os dominicanos e franciscanos, por ser reputada contraria ao dogma da S.S. Trindade. Com effeito o era por conduzir ao sensualismo. Forte foi a contenda, sendo que os argumentos lembrão as disputas, que mais tarde se levantárão entre os sensualistas e os idealistas.

João Charlier de Gerson professou uma doutrina mystica e por isso se apartou da philosophia contemporanea, que se occupava dos direitos da razão e da experiencia. Foi na primeira parte do 15º seculo que elle professou. Seos predecessores tinhão sido Scott-Erigeno; com duvida S. Bernardo no 12º seculo; no 13º S. Boaventura, que se estribou na experiencia humana para resolver as questões philosophicas; no 14º Tauler, dominicano allemão, nascido em 1294, e morto em 1361.

Gerson conheceo perfeitamente qual a natureza do

seo papel em relação ás ideas reinantes, não que tivesse mais inspiração do que seos predecessores; mas porque seo espirito systematico revestio de maior força suas doutrinas. Todo o seo fim é combater a razão para fazer calar a convicção da necessidade das instituições mysticas. Estabelecida a existencia do extase faz mais, descreve-o segundo as mais verdadeiras e profundas ideas que se podem encontrar no mysticismo alexandrino.

« O christianismo é para uma alma mystica uma grande escola. Como todo o mysticismo possue o amor ardente e a intima união da alma com Deos; ao mesmo tempo possue um symbolo e uma disciplina, o que preserva-o de todo o desvio. » Denominado *Doctor christianissimus* é reputado author da *Imitação de Jesus Christo*; pensão outros ser Thomaz Akempis o seo author.

PONTO XCVIII.

Philosophia nos seculos decimo quinto e decimo sexto.

A philosophia dos seculos quinze e dezesseis forma a transição da escolastica para a philosophia moderna. No principio do primeiro destes seculos já estava sobre maneira abalada a escolastica sem comtudo existir a philosophia moderna. Não queremos dizer que nestes dois seculos não houvessem estudos; pelo contrario muito ardor e enthusiasmo se notárão nelles; mas parece que mal acostumados á liberdade, que nascia, não levárão muito longe o vôo do espirito e se limitárão a compulsar os systemas da Grecia, a comprehendel-os e finalmente a concilial-os com as ideas christãas. Não forão portanto perdidos para nós, constituirão os primeiros e fracos passos no caminho da liberdade. Pensárão é ver-

dade serem authores; entretanto as ideas erão tiradas das doutrinas gregas de novo postas em voga. Nestes dois seculos vemos reproduzidos fielmente os quatro systemas philosophicos: o idealismo platonico, o peripatetismo, o scepticismo, e o mysticismo.

Platonismo. — Entre os philosophos, que o seguirão nesta epocha, contamos a Gemisto Plethon de Constantinopla, vindo á Florença em 1438, e o cardeal Bessarion, seo amigo, arcebispo de Nicéa, (1389 ou 1395 — 1472). Ensinárão o platonismo enxertado do néoplatonismo. Marsilio de Florença (1433—1499), chefe de uma nova academia, fez serviços á philosophia pelas suas traducções; pois os outros seos trabalhos não tem originalidade. João de la Mirandole (1463—1494) o seo sobrinho Francisco de la Mirandole, o cardeal Nicoláo de Cuss, Pedro de la Ramée perseguido como platonico, a passo que na Italia era esta doutrina approvada pela Igreja, na Allemanha Taurello e Glocenio, na Italia Patrizzi, emfim Bruno queimado pela inquisição em Roma no anno 1600, poderosissimo genio, apaixonado por Platão e pela liberdade philosophica; forão os sustentaculos do idealismo nos dois mencionados seculos.

Peripatetismo. — Foi renovada a escola peripatetica por Gennadio, Theodoro Gaza e Jorge de Trebizonda. Dividio-se em duas seitas; a dos Alexandristas, verdadeiros peripateticos, capitaneados por Pedro Pomponat; e a dos Averrhoistas que, seguindo as ideas de Averrhoes, juntárão á doutrina de Aristoteles uma certa dose de mysticismo. Entre elles se notão Porta, Scaligero (1484—1559), Sepulveda (1473—1546), defensor da escravidão, Zabarella, Vanini queimado em Tolosa, Achilini e Cesalpini, que foi pantheista.

Telesio e Campanella, empiricos e sensualistas, pretendêrão reformar a philosophia, e são os precursores de Bacon e Descartes. Telesio foi desterrado. Campanella esteve 27 annos n'uma masmorra.

Scepticismo. — E' representado por trez nomes Montaigne (1533—1592), escriptor incomparavel e conhecido, Pedro Charron (1541—1603), e Sanches, philosopho portuguez (1562—1632), reputado o maior sceptico d'aquelle tempo.

Mysticismo. — Entre os mysticos temos Reuchlin de Pforzheim, Agrippa de Nettesheim, Paracelso (1493—1541), Jeronimo Cardan, Roberto Fludd, Van-Helmont (1577—1644) e Bœhme.

Pretende este ultimo que é impossivel chegar á verdade a não ser por illuminação, dá uma theoria da creação, procura determinar a relação do homem para com Deos, pretende não differir a alma humana de Deos senão na forma, &c.

A philosophia destes dois seculos se distingue por nada ter de original e por estimar em muito a erudição, e por tender a um dogmatismo vago, e pela predilecção da ontologia. Circulárão durante elles os principaes systemas e preparou-se o caminho para a philosophia moderna.

PONTO XCIX.

Philosophia moderna. Bacon.

Francisco Bacon nasceo em Londres em 1560 e morreo em 1626. Todos os seos esforços tenderão para reconstruir o methodo e por esse modo a sciencia : era portanto de novo levantar o edificio do espirito humano. A *Instauratio magna* e o *Novum Organum* forão d'entre as obras que publicou as que mais concorrerão para o effeito desejado. Para elle a inducção é o verdadeiro methodo, e a inducção tem a sua baze na observação e na experiencia ; são estas as primeiras e essenciaes maneiras de descobrir a verdade, applicando-as a todos os estudos sem exceptuar o *da alma*, que se fizera até então mais pela deducção do que por outra cousa. Assim nós o vemos combater o syllogismo e provar sua esterilidade ; mas não seja isto de admirar, pois quem falla é um reformador , e demais elle combatia nisso

certas ideas contrarias á liberdade. De tudo resultou que elle provou que a philosophia não devia ser simplesmente uma sciencia especulativa, mas sim uma sciencia activa, donde á sociedade proviessem sazonados fructos; que o caracter do espirito humano é o progresso e não o permanecer sempre no mesmo estado.

Segundo o methodo de Bacon não se trata de formar hypotheses sobre a natureza e origem do mundo. Certo é que existe o mundo, que delle somos parte, e que os phenomenos que nelle se passão nos são accessiveis. Devemos pois conhecel-os para estudar as suas leis. O conhecimento pois dos factos é o ponto de partida da sciencia, sendo antes que tudo necessario verifical-os, distinguil-os e encaral-os sob todos os seos pontos de vistas. O contrario é tomar illusoes por verdades. Conhecidos os factos devem-se estudar as suas leis, chegar ás suas causas afim de podermos ser senhores das consequencias. Ora o processo por onde chegamos dos effeitos para as leis é a *inducção*. Não é Bacon o inventor da inducção. Já Aristoteles expuzera suas regras no seo *Organum*. O merito de Bacon consiste em profundal-as, dando á inducção o seo verdadeiro lugar.

No seo *Organum* tem Bacon por fim dar completas

regras do methodo que se deve seguir. Elle não se esquece de dar todas as maneiras de observar, explicando-as por meio de exemplos. Passa depois da experiencia para a inducção e forma trez tabuas: a de presença, onde se achao todos os factos que apresentão a causa presumida; a de ausencia, onde se achão aquelles, em que não se dá a causa presumida; a dos gráos, onde se mencionão as circunstancias, que possão infirmar a generalidade do principio. Divide todos os nossos erros em idolos da raça, que achão sua razão na nossa natureza; da caverna, que provem dos prejuizos de cada qual; do foro, que dependem do paiz, epocha, posição; do theatro, que vem da escola a que se pertence. Em quanto subsistirem no espirito, não se poderá alcançar a verdade.

Bacon não creou um systema. Mostrou a necessidade de um novo methodo, expoz perfeitamente as suas regras, classificou as sciencias e fez um certo numero d'applicações do seo methodo. Admitte a memoria, a imaginação e a razão, donde a historia, as bellas artes, e as sciencias philosophicas.

Como reformador Bacon teve uma influencia, que nunca se deixará de sentir; como philosopho deo

lugar a uma escola sensualista. Teve a doutrina do Bacon uma influencia particular sobre Gassendi, Hobbes e Locke. Gassendi (1592—1655), reputado o mais sabio dentre os philosophos e o mais philosopho d'entre os sabios, fez uma bella e profunda exposição do systema d'Epicuro, e celebrisou-se por sua disputa com Descartes.

Hobbes (1588—1679), perfeito sensualista, admittio a doutrina da sensação, com todas as suas consequencias. Locke finalmente foi o chefe da escola sensualista do decimo oitavo seculo.

PONTO C.

Descartes.

Renato Descartes nasceo na Haya na Touraine no anno 1596, e morreo na Suecia em 1650. Distingue-se perfeitamente de Bacon, porque reformador como elle deo porem origem ao racionalismo. Destruindo por sua base a escolastica, marcando os melhores meios de chegar á verdade, são ambos iguaes. Porem se Bacon mostrou ser a philosophia a primeira das sciencias, Descartes mostrou ser ella o ponto de partida das outras; se Bacon mostrou a necessidade dos conhecimentos dos factos, Descartes fez ver quaes d'entre os factos devem o ser o ponto de partida, estabeleceo o methodo experimental com toda a clareza e discriminou o lugar que devem occupar as sciencias.

A philosophia tinha sido até então um complexo de hypotheses, donde rigorosamente se tiravão consequencias

que não podião ter mais valor que as hypotheses donde se tiravão. Ora as hypotheses erão recebidas mais por authoridade do que pela razão. Ora admittir doutrinas taes era crêr por confiança, e não era estar convencido. Mas uma tal crença não é fundamentada; preciso é que se esteja convencido, que haja conhecimento claro da verdade, e portanto evidencia. Qual o caracter da evidencia? Impôr irresistivelmente uma crença pela concepção clara do espirito ácerca de sua verdade. Logo antes de se admittir a verdade, deve-se tudo examinar e por meio da evidencia reconhecer a veracidade.

Tendo a chegado a este ponto, Descartes passa a examinar todas as doutrinas debaixo deste ponto de vista — não admittir senão aquillo de que for impossivel duvidar.—Dahi a queda da escolastica, que se fundava na authoridade, e a consagração da independencia da razao Tal é a *duvida methodica* de Descartes, este scepliscismo racional, que só duvida do que não é demonstrado.

Pondo-se a duvidar de todas as cousas, mesmo daquellas que seos sentidos e o raciocinio lhe tinhão mostrado como mais seguras, vio que impossivel lhe era duvidar da sua duvida, isto é, era-lhe impossivel du-

vidar da existencia de sua duvida, e portanto da de seo pensamento, porque ainda mesmo que seo pensamento se tivesse enganado, para ser enganado precisara pensar Por mais que fizesse, sempre para elle era impossivel deixar de julgar que existia duvidando; por isso resumio toda a sua philosophia nestas palavras *penso, logo existo.*

A philosophia de Descartes está pois estribada no facto mais incontestavel fundado na mais incontestavel authoridade, a da consciencia, e possue um criterio.

O seo discurso sobre o methodo divide-se em 6 partes: Na 1.ª dá a razão porque, tudo desprezando, estuda a verdade só em si. Na 2.ª expõe o seo methodo; e dá quatro regras — só receber como verdadeiro o que evidentemente parecer tal: — dividir as difficuldades quanto for necessario para melhor resolvel-as; — ir do mais facil para o menos e por gráos; — enumerar exactamente, examinar para nada omittir. Na 3.ª se achão as maximas que para si estabeleceo antes de formar scientificamente a moral — obedecer ás leis e aos costumes do páiz — evitar os votos perpetuos — conformar sua conducta aos principios moraes que fosse descobrindo — submetter-se á necessidade — considerar a cultura da

razão como a mais nobre profissão. Na 4.ª dá a analyse do seo axioma, estabelece a existencia de Deos, funda a certeza da existencia do mundo nas ideas que forma do seo creador, distingue a alma do corpo, prova ser a alma immortal, combate a proposição *nihil est in intellectu quod non priús fuerit in sensu*, e dá a theoria das ideas innatas. Na 5.ª mostra as vantagens do seo methodo, attribuindo-lhe as descobertas, que fez nas mathematicas, na dioptrica, onde estabelecco a lei da refracção, na algebra, a qual applicou á geometria, &c. Na 6.ª trata novamente das razões, que o levárão a publicar sua obra, e mostra o maior amor para com a humanidade.

Forão disciplos de Descartes de la Forge, Clerselier, Jacques Robault, Silvano Regis, Clauberg, Geulinx. Seguirão suas doutrinas muitos espiritos superiores, entre elles Arnauld, Pascal, Bossuet, Vico, Grocio e Puffendorf. Spinosa e Malebranche, seos discipulos, sobremaneira modificárão a sua doutrina.

PONTO CI.

Malebranche, Spinosa e Leibnitz.

Malebranche, padre do oratorio, nasceo em Paris em 1638 e morreo em 1715.

Segundo Descartes o espirito é uma substancia pensante e a materia uma substancia extensa. Mas como explicar a relação do espirito e do corpo, como conceber sua mutua acção? Malebranche não a podendo explicar nem conceber, negou a relação, e buscou uma explicação mui diversa a esses phenomenos. Para elle a idea de Deos sempre está clara ou obscuramente presente ao espirito, e nada mais natural do que a união permanente da creatura ao creador, e da razão humana á razão absoluta. Ora Deos nada ignora, tudo conhece e pois nós que conhecemos a Deos, tãobem conhecemos as ideas de Deos; e como Deos tem idea

dos corpos, as tem tãobem a alma do homem. E' esta a sua theoria da visão em Deos.

A das causas occasionaes é a seguinte. Não ha outra causa senão Deos, que é soberano, omnipotente e absoluto : se houvesse mais alguma, ou obraria em opposição a Deos, o que é impossivel, ou obraria em conformidade e então seria inutil. Logo o movimento qualquer que seja é produzido por Deos, que se occupa em mover os corpos segundo nossas vontades. Logo a vontade humana não é causa do movimento, logo não é mais que uma occasião.

Spinosa nasceo em Amsterdam em 1632 e morreo em 1677. Sua philosophia ao passo que é mais audaciosa é comtudo mais consequente. Malebranche explicava inverosimilmente um só lado da difficuldade em conceber a materia unida ao espirito; sua theoria em rigor limita-se em admittir ideas e phenomenos, que na realidade são as ideas de Deos e os resultados da sua actividade, e alem dellas substancias, nas quaes se passão os phenomenos sem para elles concorrerem, e das quaes o espirito não tem senão ideas muito obscuras. Donde se vê que estas substancias existem no mundo um tanto extraordinariamente.

Spinosa as tirará delle. Elle deo com a grande difficuldade, que Malebranche não acha ; para achal-a basta empregar o mesmo arrazoado que Malebranche : com effeito, se a existencia da causa secundaria é um limite á omnipotencia, a da substancia finita o será á plenitude do ser. Causas secundarias poderão ser precisas para explicar a liberdade e a imputabilidade das acções humanas; mas substancias individuaes para que? Não será difficil explicar como o finito se põe em relação com o infinito? Quanto a Malebranche é Deos que pensa e obra em nós; quanto a Spinosa é Deos que existe, pensa e obra em nós. O mundo e os phenomenos são os modos de Deos, as leis geraes são propriamente os attributos de Deos. Logo não ha outra realidade senão Deos, seos attributos e seos modos. Tão distincto sou delle, como de mim é distincto o meo pensamento.

Spinosa deplora as illusões do homem, que crê ser livre, quando é escravo. Mas cousa admiravel! quer fundar uma moral com taes ideas! tanto é verdade que a humanidade tem consciencia da necessidade de um principio moral.

Leibnitz nasceo em Leipzig em 1646 e morreo em

1716. Não é deista como Malebranche, nem pantheista como Spinosa. Estabelece a hypothese da harmonia pre-estabelecida, que nega a acção das duas substancias entre si; mas que as faz existir cada um independentemente, com a sua força. Separa pois os seres creados do creador, distingue perfeitamente o mundo de Deos. Não despreza os dados da experiencia psychologica, explica a pluralidade dos seres, as suas leis, a sua harmonia, e a Providencia que mantem a harmonia pelas leis.

As substancias secundarias são as monadas, que são forças simples: estas forças se exercem por leis simples, regulares, uniformes, donde rezulta um systema harmonioso. Deos realisou a existencia do mundo sob a melhor forma; donde se segue ser o melhor mundo possivel.

Incompleto é o seo systema. Com effeito os monadas podem-se mover, mas não communicar o movimento. O que tomamos por causa e por effeito é um resultado da harmonia pre-estabelecida. E' porem isto uma hypothese inutil e inverosimil. Wolf foi discipulo de Leibnitz.

No 17.° seculo se notão entre os mysticos Galo, Cudworth, que admitte uma *natureza plastica*, que organisa o mundo sob a direcção do ser supremo, Henrique More, Swedenborg. Entre os scepticos Pascal, Sorbière, Huet, Bayle.

PONTO CII.

Locke: Encyclopedia.

Locke nasceo em Wrigton em 1632 e morreo em 1704; portanto sua data o colloca no decimo setimo seculo, comquanto sua doutrina tivesse grande influencia no seculo decimo oitavo. A Locke não é possivel negar a gloria de ter constituido a sciencia philosophica, sendo que sua influencia se faz ainda sentir. Foi elle que nos tempos modernos se apresentou á frente do sensualismo.

« Locke conta nas primeiras paginas do seo livro, que em uma conversação, á qual assistia, uma questão estranha á philosophia originára uma discussão, na qual se emittirão as mais diversas opiniões sem se poder resolver a difficuldade. Reflectindo, suspeitou que a causa fosse principalmente por se servirem de noções, cuja natureza, alcance e limites, não havião sido reconheci-

dos; generalisando esta observação, conclue que, não pensando nós, não philosophando senão por meio do espirito humano, devemos principiar por conhecel-o. Donde o seo *Ensaio sobre o espirito humano*, no qual Locke determina sua natureza e suas forças, a circumscripção de nossos conhecimentos, sua extenção e seos limites. A este pensamento grande e simples se refere toda a philosophia de Locke: nelle está a sua originalidade; por elle é que immortal serviço fez ao espirito humano. Mas depois de ter aberto o caminho da verdadeira philosophia, Locke nelle vacillou e insensivelmente perdeo-se por um atalho extreito e exclusivo » Assim se exprimio o Sr. Cousin no seo curso de 1829, primeiro volume, paginas 455.

Descartes admittira as ideas innatas, que não vem dos sentidos, nem da acção do espirito sobre o sensivel. Locke fortemente se levanta contra esta theoria; baseando-se no exemplo dos povos selvagens, das creanças, dos idiotas e na differença d'opiniões sobre a moral. Em seguimento considera a alma como uma *tabua rasa*, sem idea alguma. Estas nascem da sensação ou da experiencia sensivel e se produzem pela reflexão, quando mais abstractas. Admitte a percepção, a memoria, a compara-

ção, o discernimento, a composição e a abstracção, como operações que se exercem sobre a sensação.

Gravesande, nascido em Bois-le-Duc em 1688 e morto em 1742, Carlos Bonnet, nascido em Genova em 1720, pertencêrão á escola de Locke, bem como á escola encyclopedica, na qual encontramos os nomes de d'Alembert, Diderot, Condorcet, la Mettrie, e Priestley.

João le Rond d'Alembert nasceo em Paris em 1717, foi secretario perpetuo d'Academia franceza e morreo em 1783. Admittio a simplicidade da alma e foi grande geometra. Condorcet (1712 — 1784) foi o unico chefe da Encyclopedia depois da retirada de d'Alembert. O marquez Condorcet envenenou-se para se livrar da guilhotina em 1794. Voltaire, como philosopho, é discipulo de Locke. Em suas obras se encontrão grandes contradicções sobre a immortalidade, a liberdade, a existencia de Deos, etc.

Helvecio fundou a moral do interesse, e se a escola de Locke póde ser julgada por suas consequencias, a moral do interesse estabelecida por Helvecio a destroe e dorroca.

Na Inglaterra combatêrão a philosophia de Locke Samuel Clarke (1675 — 1729), Cumberland (1632—1719), Shaftesbury (1671 — 1713), apezar de receberem a philosophia experimental. Jorge Berkeley, bispo de Cloyne, nascido em 1684 e morto em 1753, igualmente combateo a Locke, porem levando a exageração a ponto de negar a existencia dos corpos. E' de notar que Hume desenvolvendo a Locke cahe no scepticismo, do mesmo modo que Berkeley seguindo a vereda opposta.

João Jaques Rousseau, nascido em Genova no anno de 1712 e morto em Ermenonville em 1778, foi um dos philosophos de seo tempo, que mais tropeços levantou aos encyclopedistas. defendendo com energia alguns principios dos racionalistas. A liberdade do pensamento foi constantemente por elle defendida. Sobre grande numero de cousas apresentou antes ideas nobres, elevadas, do que doutrinas meditadas; sendo que nas suas obras se encontrão contradicções salientes. Assim sobre a existencia de Deos o veremos sustentar sua realidade, emquanto confessa em outra parte de suas obras que a existencia de Deos para elle não se acha demonstrada pelas unicas luzes da razão, &c.

PONTO CIII.

Condillac.

Estevão Bonnot de Condillac, principal interprete da philosophia de Locke, nasceo em Grenoble em 1715 e morreo em 1780. Admittira Locke duas origens de ideas, Condillac faz tudo derivar da sensação. Com effeito, diz Condillac, a alma pensa porque sente, e não será possivel estudar suas faculdades sem as tirar da faculdade de sentir. A faculdade de conhecer não é senão uma modificação da faculdade de sentir. A attenção vem a ser uma sensação exclusiva, a comparação e o juizo são uma dupla attenção e portanto uma dupla sensação, a reflexão é uma serie de juizos feitos por uma serie de comparações, a imaginação é a applicação da reflexão á combinação das imagens, o raciocinio é mostrar que um juizo comtem implicitamente outro. Logo

nos nossos juizos e raciocinios não ha senão sensações. O complexo de todas estas faculdades constitue a faculdade de conhecer, que nada mais é que a faculdade de sentir. As sensaçoes consideradas como agradaveis ou desagradaveis dão lugar á necessidade, ao mal-estar, á inquietação, ao desejo, ás paixões, á esperança; dão lugar á vontade, que consiste em desejar com a convicção de nada se oppor ao nosso desejo: por vontade tãobem se entende uma faculdade que comprehende todos os habitos, que nascem da necessidade. O pensamento resume em si o entendimento e a vontade. Pensar é sentir, dar attençao, comparar, julgar, reflectir, imaginar, raciocinar, desejar, ter paixões, esperar, etc. « Temos explicado, diz Condillac, porque modo as faculdades da alma successivamente nascem da sensação; e vê-se que não são mais do que a sensação, que se transformou para se tornar cada uma dellas? »

No seo *Tratado das sensações* suppõe uma *estatua* possuidora de todas as nossas faculdades, sem ter tido occasião de exercel-as. Depois principiando a examinar cada um de nossos sentidos, vê na estatua se produzirem successivamente sensaçoes, memoria, juizos, &c. que já vimos serem sensações transformadas.

Condillac deduzio de seo systema o espiritualismo, e uma doutrina sã e sublime sobre a natureza de Deos e sobre os nossos deveres.

Seo grande erro consiste em suppôr que a passividade pode-se transformar na actividade.

A sensação é uma modificação experimentada pela alma e que nella suppõe tão sómente uma capacidade. Pois bem, elle confundio esta propriedade pela qual a alma é simplesmente passiva com aquella pela qual a alma é um principio de acção. Se não é possivel duvidar que os sentidos nos fornecem ideas, que são os instrumentos de sua acquisição, impossivel é considerar a alma despida do poder de por sua vez produzir ideas das quaes os dados sensiveis não são mais que a occasião e a condição. A sensação é um elemento todo passivo, as faculdades são elementos activos e pois que a baze do systema de Condillac é falsa, cahe por si mesmo, embora presidisse á sua elaboração um espirito analytico. Com effeito ninguem poderá negar-lhe observações verdadeiras e sagazes, nem uma regularidade e uma força, que imprimem ao seo systema um caracter elevado.

Dá uma grande e merecida importancia á ligação das ideas e como para fixal-as na memoria nada mais pro-

prio hoje que os signaes, conclue que á linguagem devemos todos os progressos do pensamento. A exageração desta doutrina de Condillac levou alguns philosophos a sustentar que não era possivel pensar sem signaes.

O Sr. Cousin faz consistir o vicio radical da theoria de Condillac, e assim tãobem o da de Locke, em não reconhecerem, que existe no espirito humano ideas necessarias, universaes e absolutas, as quaes não podem ter na sensação o seo principio.

Cabanis nascido em 1757 e morto em 1808, e Destutt Tracy, pertencem ambos á escola de Condillac.

Laromiguière, seo discipulo, modificou profundamente o seo systema.

PONTO CIV.

Laromiguière.

Pedro Laromiguière nasceo a 3 de Novembro de 1756 em Livignac-le-haut e falleceo em Paris a 12 de Agosto de 1837. Em 1811 e 1812 deo na Academia de Paris liçoes de philosophia, que depois forão publicadas.

Laromiguière reconhece a necessidade do methodo; para elle o methodo é tudo. Fal-o consistir na analyse e a analyse é a decomposição dos objectos para fazer de todas as suas qualidades outras tantas ideas distinctas e a comparação destas para descobrir suas relaçoes de generação e assim remontar até á sua origem, até ao seu principio.

A alma é dotada de sensibilidade e de actividade; a alma differe da materia porque esta não é activa. Suas diversas maneiras de sentir são os sentimentos; suas diversas maneiras de obrar são as faculdades. Se a alma sentir, não poderá deixar de obrar senão no caso de já estar sua actividade concentrada sobre um objecto.

Condillac resume tudo na sensação. Segundo Laromiguière precisa a alma sentir os objectos externos, isto é, precisa que os objectos externos a modifiquem para que sollicitada dê attenção, perceba, forme as ideas correspondentes ás sensaçoes, que recebeo. Mas sensação, attenção, idea, são tres cousas essencialmente diversas. A sensação é uma affecção, a attenção é uma causa, uma força que se exerce sobre a sensação, e a idea é a modificação, que a força attenção imprime á sensação. Ora não se passão estes phenomenos na alma sem que ella sinta a sua acção, tenha um sentimento, que já não se póde chamar sensação. Pois esse sentimento póde por sua vez dar origem a ideas, quando sobre elle se exerce o entendimento, isto é, a força modificadora da alma. A alma ainda tem outro sentimento, que nasce da junção das ideas no espirito. As ideas são productos do entendimento: ora quando duas, ou mais ideas se produzem no espirito, a maneira porque ella sente não é nem a sensação, nem o sentimento d'acção da alma. E' um modo de sentir caracteristico e só pro-

prio de um ente, que tem em si um principio formador de ideas. Ainda mais, alem dos trez sentimentos um quarto sentimento ha, que exuberantemente prova o Laromiguière ser natural, innato, donde resultão ideas innatas, produzidas tão sómente pela alma, porque proprias lhe são as faculdades productoras, e proprio e só seo é o sentimento donde derivão.

Os conhecimentos fornecidos pela experiencia precedem é verdade estas ideas; mas por isso não se segue que por ella experiencia sejão produzidas estas noções universaes, absolutas e necessarias fundadas no sentimento moral, natural ou innato. Não conduz pois este systema ao materialismo; pelo contrario determina bazes incontestaveis para o estabelecimento das ideas de immortalidade, de Deos, de dever.

As faculdades são a attenção pela qual tomamos conhecimento das cousas; a comparação, pela qual achamos suas relaçoes; o raciocinio, pelo qual chegamos á sua origem. Seu complexo constitue o entendimento.

Alem destas ha o desejo, pelo qual dirigimos o nosso entendimento para uma cousa de que sentimos necessidade; a preferencia, que nos permitte escolher; e a liberdade, pela qual nos determinamos para as cousas

depois de termos deliberado. O complexo destas faculdades constitue a vontade.

O pensamento é a reunião do entendimento á vontade.

Estabelece pois este systema uma verdadeira distincção entre os sentimentos, as faculdades cognoscitivas e as ideas; entre os sentimentos, as faculdades volitivas e os actos.

Reconhece a existencia do corpo e da alma, e comquanto não possa explicar o como de sua acção, admitte sua acção mutua. O corpo é o instrumento das sensaçoes e o dos movimentos. Ha esta differença que o corpo, como instrumento das sensações, obra necessariamente, e, como instrumento dos movimentos, obra porque a alma quer.

PONTO CV.

Escola Escosseza. Kant.

A escola escosseza considera a philosophia como a baze de todo o estudo psychologico; dá á origem das ideas a importancia que merece, e põe de parte tudo quanto é hypothetico, confiando muito na observação pertinaz e na inducção. Nisto se parece com Locke; differe em admittir uma fonte de ideas superior á experiencia. Esta fonte é uma especie de aptidão do espirito a admittir certos principios independentemente da experiencia.

Consequentemente esta escola examina por de cima algumas questões, entre outras a da legitimidade do conhecimento, que diz dever ser admittida sem demonstração. A necessidade palpitante da resolução desta questão é evidente.

A escola escosseza teme muito perder-se no meio de hypotheses; d'onde resulta que permanece quasi sempre

em meio caminho. Foi a primeira escola que á psychologia applicou o methodo das sciencias naturaes.

Creárão nome nesta escola os seguintes philosophos.

Thomaz Reid, seo verdadeiro chefe, nasceo na Irlanda em 1694 e morreo em 1747. Segundo elle « o conhecimento humano pode-se tomar sob dois pontos de vista diversos, conforme tem por objecto a materia ou o espirito, as cousas corporeas ou as cousas incorporeas. Ora na sciencia, que se occupa dos corpos, a certeza se encontra frequentemente; não assim na do espirito. Porque? Por causa das hypotheses e das falsas analogias. »

Dugald Stewart, nascido em Edimburgo em 1753 e morto em 1828, foi um dos philosophos mais justamente celebres dos nossos dias. Com proveito se lerá as suas obras *Elementos da philosophia do espirito humano*, *Esboço de philosophia moral*. Foi esta philosophia importada para França pelo Sr. Royer-Collard.

Alem deste nome não nos devemos esquecer de Hutcheson, Beattie, Oswald, Priestley, Price, Ferguson, Adam Smith e Thomaz Payne, fundador da republica dos Estados Unidos.

Escola Allemãa. — O Leibnitzianismo decahira na Allemanha no meio do seculo decimo oitavo em virtude

da escola de Locke, que predominava na maior parte da Europa. Igualmente o scepticismo de Hume abalára os fundamentos da certeza. Foi advertido por este scepticismo que Kant formou o seo systema do *idealismo critico*.

Manoel Kant nasceo em Kœnigsberg em 1724 e falleceo em 1804.

Para fundar o dogmatismo preciso é fazer a *critica* das fontes do conhecimento; porque taes serão os conhecimentos derivados qual ella fôr. Donde o nome de *criticismo*, que lhe foi dado. O fim de Kant é analysar a razão. Distingue no nosso pensamento o subjectivo do objectivo, sendo que este ultimo só é conhecido pelo primeiro. Portanto ha conhecimentos *empiricos* ou *à posteriori* e conhecimentos *racionaes* ou *à priori*. Entre estes uns precisão de observação, outros não dependem absolutamente da experiencia, são *puros à priori*. A faculdade a que se referem é a *razão pura*, o estudo desta faculdade a *Critica da razão pura*.

A sensibilidade e o entendimento são duas faculdades, donde deriva o conhecimento. Estuda-as no ponto de vista de serem os elementos da *razão pura*: donde a *esthetica transcendente* e a *logica transcendente*.

As formas da sensibilidade são o *espaço* e o *tempo*;

e a do entendimento é a *unidade* absoluta, ou resultante da reunião de muitos elementos em um só. Tudo na razão se reduz a juizos e estes se encarão sob quatro pontos de vista a *quantidade*, a *qualidade*, a *relação* e a *modalidade*. Cada um tem trez formas, donde doze formas de juiso e doze categorias.

Chama *antimonias* ás proposiçoes contradictorias sobre as verdades cosmologicas.

Na *critica da razão pratica* estabelece como ponto de partida este principio: *Pratica em conformidade de uma maxima que se possa considerar como uma lei geral.*

Abstemo-nos de fallar nos philosophos da actualidade.

PONTO CVI.

Conclusão.

Temos visto os systemas se succederem uns aos outros, se combinarem e darem novos resultados, e a marcha do espirito humano offerecer sempre certos caracteres geraes. Se elle toma por ponto de partida os unicos dados fornecidos pela experiencia sensivel, o sensualismo se forma e com elle o materialismo e o atheismo, pois que mui facil é desprezar os principios da razão, quando só se attende aos sentidos.

Se o espirito chegando ao conhecimento de certas noções, reconhece que ellas não nos podem vir pelos sentidos e quasi só dellas se occupa, nasce o espiritualismo, que leva quasi sempre á negação da materia e portanto do mundo, constituindo assim o idealismo.

Se o espirito reconhece os erros, em o que o sensualismo e o espiritualismo o fazem cahir, e, rejeitando ambos, renuncia toda a crença, pois que nenhuma

podemos ter senão pela experiencia e pela razão, tem nascido o scepticismo, que é o verdadeiro suicidio da intelligencia.

Se desesperado de vêr-se no meio de ideas contrarias e oppostas, sobre as quaes não pode pronunciar, se entrega a uma certa disposição de sua sensibilidade, caracterisada por uma super-excitação das faculdades intellectuaes, está creado o mysticismo e pretende o homem communicar com Deos. Nasce d'ahi a magia, o extase, &c.

Se ensinado pela experiencia busca conhecer o que todos os systemas tem de verdadeiro, se dá á materia o que é da materia, ao espirito o que é do espirito, se duvida do que carece de prova, se presta assenso á revelação, se não desconhece a existencia real e distincta de Deos, do espirito e da materia, e estabelece de uma maneira rigorosa as relações de uns para outros, eis o eclectismo existindo.

Sensualismo, espiritualismo, scepticismo, mysticismo e eclectismo, eis as leis geraes segundo as quaes marcha o espirito humano.

Ora o que nos ensina a razão é que nós recebemos conhecimentos do exterior, neste sentido, que é

da acção dos objectos exteriores, que partem as con-
dições destes conhecimentos: que outros conhecimen-
tos são por occasião d'aquelles formados por uma acção
intrinseca e elaboradora do nosso espirito. Ora pecca-
mos, se desconhecemos os principios de cada especie desses
conhecimentos e muito mais se os desconhecemos ambos.

E pois não é philosophico ser sensualista, espiritua-
lista, ou sceptico.

Quanto ao mysticismo é o producto de uma ima-
ginação exaltada. A revelação nos é conhecida pela fé,
e esta é admittida pela razão segundo as condições,
que a revestem.

Só resta o eclectismo que não desconhece a influen-
cia dos sentidos e o poder da razão, o eclectismo que
sem admittir o scepticismo sabe duvidar, o eclectismo,
que não despreza a revelação, logo que ella tenha os
caracteres que a constituão tal.

Em resumo o sensualismo é falso por que nega a ra-
zão; o espiritualismo, porque nega os sentidos; o mys-
ticismo porque nega a razão e os sentidos; o scepti-
cismo porque nega tudo. Os sentidos, a razão e o ex-
tase, sendo todos verdadeiros, o bom senso nos man-
da acceital-os e concilial-os.

O homem principia por se entregar aos sentidos, e
sua propria experiencia se encarrega de lhe mostrar
a insufficiencia delles: então reconhece a necessidade
das leis e a razão apparece. Acontece porem que, queren-
do tudo explicar, chega a perder a confiança nos sen-
tidos e logo depois na razão: ha então dois partidos a
tomar: renunciar a crença pela impossibilidsde de pro-
var, ou buscar fóra do homem a verdade no extase.
A ordem dos systemas pois é a seguinte: sensualismo, espi-
ritualismo, scepticismo e mysticismo. Ora o que é verda-
deiro para o individuo o é para a especie e assim a huma-
nidade gira continuamente neste circulo. Os empiricos
estudão a natureza, os racionalistas a explicão, os sce-
pticos suspendem o espirito nos seos vôos mais ousados
e os mysticos encarão a Deos e o mundo com brilhan-
tes hypotheses.

FIM.

INDICE.

INDICE.

—